

Copyright © Swami Mahavir (Swami Bhakti Vedanta Mahavir Maharaj), 2021

Todos os direitos reservados - É proibida a reprodução total ou parcial da obra, por qualquer meio, sem a autorização prévia e por escrita do autor.

Segunda Edição

Autor: Swami Mahavir (bvmahabir@gmail.com)

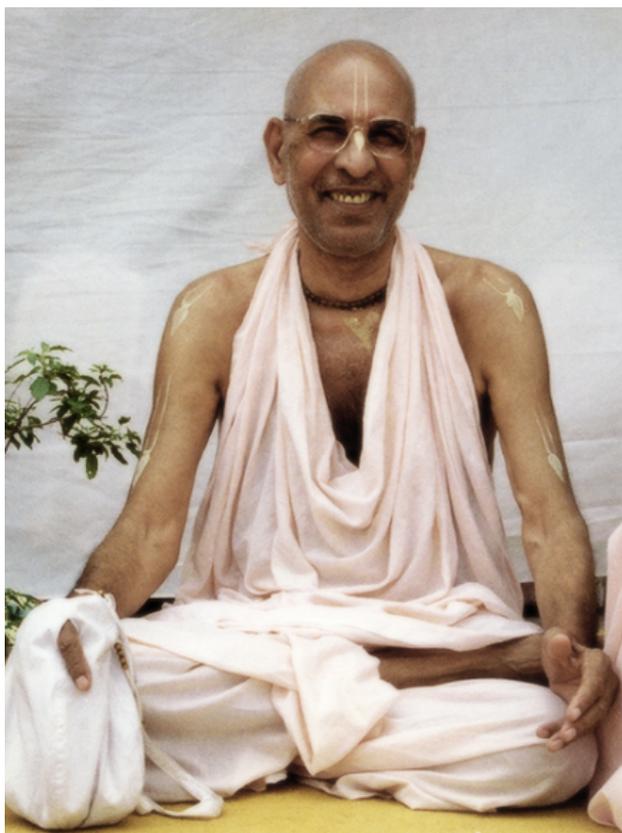
Edição: Swami Mahavir

Revisão: Flávio Morgado

Capa: Antônio Augusto Dórea (@gugadorea)

Diagramação: Lucas Barbosa Guimarães

Dedicado ao meu mais adorado mestre



Srila Bhakti Vedanta Narayana Goswami Maharaj

SUMÁRIO

SOBRE O AUTOR

INTRODUÇÃO

ECOS DA IMORTALIDADE

QUANTUM-VEDANTA COMO ELE É

SHANKARACHARYA E OS DOIS BUDDHAS

O PAPEL DA MULHER NA CULTURA VÉDICA

VEGETARIANISMO

GUIA PRÁTICO E TEÓRICO DO JEJUM EKADASHI

O HARE KRISHNA MAHA-MANTRA

SOBRE O AUTOR



Swami Bhakti Vedanta Mahavir Maharaj nasceu no Rio de Janeiro, em 1981; é professor de Vedanta; palestrante internacional desde 2014; estudou filosofia na UERJ entre 2001 e 2004; graduou-se em Bhakti-shastri pelo Florida Vedic College USA, em 2012; escritor de livros e artigos, sendo um deles sobre Física Quântica e Vedanta intitulado "Quantum Vedanta As It Is", publicado pelo Florida Vedic College USA, em 2014. Monge Mahavir possui um profundo conhecimento da cultura e das escrituras védicas, bem como uma vasta experiência de quem vive na Índia desde 2007 como monge, onde teve a rara oportunidade de estudar e servir pessoalmente mestres renomados da tradição Gaudiya Vaishnava. Toda a sua vida desde então tem sido dedicada a levar mais amor, paz e sabedoria ao mundo, num esforço contínuo para ajudar a humanidade a evoluir.

É discípulo de Srila Bhaktivedanta Narayana Goswami Maharaja, um dos mais proeminentes líderes espirituais reconhecido mundialmente por ter recebido os títulos de "Embaixador da Paz" nos EUA, em 2003; "A Chama da Paz Mundial", na Inglaterra, em 2005; e de "Yuga Acharya - Preceptor do Milênio", pelo Parlamento Religioso Mundial, na Índia, em 2005, título este criado exclusivamente para homenageá-lo.

INTRODUÇÃO

Este pequeno livro contém, em poucas páginas, a essência dos principais ensinamentos dos Vedas e como a cultura védica impactou o mundo. Grandes civilizações que marcaram a história, como os gregos, os egípcios, babilônios, maias, astecas, fenícios, sumérios, atlantes e muitos outros, tiveram seu apogeu e subsequente declínio. Hoje as conhecemos somente por suas ruínas, artefatos ou pelas narrativas nostálgicas de seus descendentes ou admiradores. No entanto, a civilização védica é a única que ainda se encontra acessível aos olhos da humanidade, com a maior parte de sua tradição preservada e sendo praticada não só na Índia, como no mundo inteiro.

ECOS DA IMORTALIDADE

A Herança da Civilização Védica

No livro *Arqueologia Proibida*, de Michael Cremona e Richard Thompson, encontramos uma coleção imensa de evidências arqueológicas que apontam para o fato de a civilização humana estar presente neste planeta há aproximadamente dois bilhões de anos. Apesar de parecer um exagero se comparado às tabelas atuais, este número é o mesmo apresentado nos Vedas e confirmado pelos grandes sábios indianos ao longo da História. No entanto, todos os artefatos encontrados que provam esta datação foram censurados pelos departamentos de Arqueologia de diferentes países e permanecem guardados em salas secretas de museus e universidades. Os autores do livro, todavia, tiveram acesso a muitas destas evidências e puderam remontar o grande quebra-cabeça da origem da humana, corroborando a narrativa da literatura védica.

Para explicar sobre a criação do Universo e a existência de Deus, os Vedas utilizam-se de uma metodologia científica, evitando assim que a fé seja o único instrumento determinante para a fundamentação de seus dogmas. A essência deste *modus operandi* védico foi muito bem definida por um de seus maiores preconizadores, A.C. Bhaktivedanta Swami Prabhupada, que declarou: “Ciência sem religião é ateísmo e religião sem ciência é fanatismo”.

Diferente do que é ensinado nas escolas e universidades contemporâneas, os diferentes ramos da ciência já haviam sido revelados nos Vedas e expandidos ao longo dos séculos pelos cientistas védicos, também conhecidos como *munis* ou *rishis*. O famoso teorema de Pitágoras, por exemplo, já estava descrito no livro *Sulba-sutras* de Baudhayana, em 800 aC. Bem como a primeira Universidade conhecida pela História moderna situava-se em Taxashila, no estado do Punjab, norte da Índia, por volta de 1.000 aC.

O átomo, por exemplo, não foi uma descoberta de John Dalton, mas sim uma teoria já apresentada no *Shrimad Bhagavatam*, de Vyasadeva, há cinco mil anos. A própria Matemática é considerada pelos europeus como sendo uma criação do povo árabe; porém, eles mesmos admitem que aprenderam esta ciência com os hindus. Além da Matemática, Química, Biologia, Engenharias civil e naval, Física, Arquitetura, Astronomia, Aeronáutica etc., também foram apresentadas pela primeira vez nos Vedas.

Apesar dos esforços de cristãos, muçulmanos e budistas para subjugar e destruir a cultura védica, esta tradição continua se adaptando e se expandindo, não apenas em sua terra natal, a Índia, mas por todos os países do mundo, os quais num passado remoto também fizeram parte do império védico.

Ao adotarem os preceitos socioespirituais preconizados nas escrituras védicas, filósofos, cientistas, artistas e cidadãos comuns do mundo inteiro têm sido capazes de encontrar respostas para as perguntas mais desafiadoras e soluções para os problemas mais complexos da vida.

O escritor alemão Hermann Hesse também foi um simpatizante da filosofia védica e com frequência teceu elogios a ela: “A maravilha do ‘Bhagavad-gita’ é verdadeiramente uma bela revelação da sabedoria de vida que permite a filosofia florescer como religião”. O filósofo e escritor norte-americano Ralph Waldo Emerson também declarou: “Guardo profunda gratidão pelo

‘Bhagavad-gita’. É como se um império nos falasse, nada pequeno ou indigno, porém grande, sereno, consistente como a voz de uma inteligência ancestral que, em outra época e contexto, havia ponderado e assim respondido às mesmas perguntas que hoje nos afligem”.

Resistindo às Invasões Estrangeiras

O indologista alemão Max Müller, um dos principais agentes do domínio cultural britânico sobre a Índia, ajudou os ingleses na criação de um plano de depreciação da cultura védica chamado a “*teoria da invasão ariana*”. Esta teoria afirma que o povo ariano, os criadores da cultura védica, teriam invadido a Índia por volta de 1.500 a.C, impondo sua cultura sobre os nativos indianos, que deveriam acreditar terem sido sempre dominados por outros povos, e, portanto, deveriam, mais uma vez, submeter-se ao domínio britânico. Mas, como todos sabemos com segurança, a origem do povo ariano é a própria Índia, tendo em vista que todo o cenário descrito nos Vedas pertence ao território indiano.

A despeito de todos os esforços dos ingleses para minimizar a importância da cultura védica, esta continuou viajando para além das fronteiras da Índia, conquistando novos adeptos, incluindo o próprio Max Muller, que ao final de sua vida tornou-se um profundo admirador desta cultura. Em um de seus livros, ele declara: “*A literatura védica nos abre uma porta importantíssima na educação da raça humana à qual não podemos traçar nenhum paralelo. De tal forma que quem se preocupa com o crescimento histórico da nossa linguagem e pensamento; quem se preocupa com o primeiro desenvolvimento inteligente da religião e da mitologia; quem se preocupa com o primeiro fundamento da ciência, astronomia, gramática e etimologia; quem se preocupa com os primeiros indícios do pensamento filosófico e da primeira tentativa de regular a vida familiar, a vida da aldeia e do Estado fundamentadas na religião, deve prestar a máxima atenção ao estudo da literatura védica*”.

Outro equívoco muito comum é a má compreensão da definição de raça ariana. Adolph Hitler, por exemplo, baseou sua campanha nazista na promessa de reestabelecer a supremacia da raça ariana sobre as demais, pois sabia que esta havia sido a origem das raças indo-europeias. No entanto, a natureza e o caráter do povo ariano são diametralmente opostos ao que Hitler advogou. De acordo com os Vedas, os Árias são por definição um povo pacífico, compassivo, religioso, justo e democrático. Hitler também usurpou um outro símbolo sagrado para a cultura védica, a suástica, que representa o movimento de eterna expansão do universo e atrai rumos auspiciosos. Hitler utilizou este símbolo sagrado para seu propósito de dominação, guerra e genocídio. O povo védico jamais perseguiu outro povo, promoveu invasões ou destruiu templos, igrejas, mesquitas e sinagogas. Isso demonstra que a cultura védica representa tanto a sabedoria divina, quanto o amor incondicional, simbolizados pelo famoso princípio da não-violência (*ahimsa*) e do reconhecimento do mesmo Deus em todas as religiões. O grande santo vaishnava do séc. XIX, Srila Bhaktivinoda Thakur, escreveu: “*Quando estamos presentes nas casas de culto de outros praticantes religiosos durante seus rituais, devemos permanecer respeitosos e refletir sobre o seguinte: Aqui, diante de mim, meu próprio Deus está sendo adorado de uma forma diferente daquela com a qual estou acostumado. Devido aos meus diferentes treinamentos e práticas, sou incapaz de entender completamente esse culto, mas testemunhar isso me dá ainda mais carinho por minhas próprias crenças e práticas. Deus é um. Eu me prostro diante deste símbolo do*

divino que vejo diante de mim. Faço reverência a meu Senhor, que Se manifesta nesta forma alternativa para meu benefício e o benefício de outros”.

Além dos ingleses, outros povos também invadiram a Índia e tentaram acabar com a cultura védica. Em 325 aC, Alexandre “o Grande” passa a chamar este povo de “Indu”, pelo fato de viverem do outro lado do Rio Sindu. Mais tarde, no século XII, com a invasão muçulmana, esta nomenclatura foi oficialmente adotada, mas sob a forte pronúncia gutural de Hindu. Contudo, tal generalização nunca existiu do ponto de vista dos que habitavam a terra, que não definiam sua identidade a partir dos limites de uma fronteira geográfica, mas sim baseando-se no fato de compartilharem os princípios da cultura védica, cuja essência era definida como *sanatana-dharma*, ou a religião eterna.

Dentro do território indiano encontramos todo tipo de pessoas, inclusive aquelas que não creem em Deus e por isso não podem ser classificadas como pertencentes ao *sanatana-dharma*, mas, no entanto, são chamadas erroneamente de hinduístas. Portanto, o termo “hinduísmo” não se refere a uma identidade cultural, muito menos religiosa. Na verdade, este termo se refere apenas àqueles que nasceram dentro dos domínios político-geográficos da fronteira indiana, segundo a visão dos invasores.

A Cultura Eterna

Outro fato interessante e pouco divulgado é que encontramos referências às histórias famosas como a de Adão e Eva, do Dilúvio e da arca de Noé na literatura védica. Nos Vedas, podemos encontrar informações precisas sobre o passado, presente e futuro da humanidade, além de uma descrição vívida sobre quem é Deus e como Ele cria, mantém e destrói infinitos universos.

Todavia, cabe-nos fazer uma pergunta fundamental: o que a cultura védica tem de tão especial que lhe permite ser a única civilização a perdurar desde os primórdios da criação até hoje? Os costumes, a culinária, a música, a liturgia, os templos, a medicina, a arquitetura, a agricultura, as artes e outros aspectos dessa civilização divina ainda estão vivos e continuam sendo as melhores opções para conduzir a humanidade à harmonia plena e à perfeição espiritual?

A resposta para esta pergunta é simples de se obter, mas talvez não seja tão simples de se compreender, como declara o historiador inglês Dr. Arnold Joseph Toynbee: *“Hoje, o progresso científico ocidental uniu fisicamente o mundo. Mas, eles ainda não aprenderam a arte de conhecer e amar uns aos outros. Se desejarmos salvar a humanidade neste momento crucial, nossa única opção é seguir a abordagem hindu”.*

QUANTUM-VEDANTA COMO ELE É

A Origem do Conhecimento

Mesmo antes da época de Sócrates (470 a. C.), filósofos e cientistas europeus já visitavam as terras ancestrais da Mãe Índia à procura de sua maior riqueza: o conhecimento dos Vedas. A primeira universidade datada na história é a Universidade de Takshashila (cerca de 800 a. C.), localizada no noroeste da Índia, hoje conhecido como Paquistão. No entanto, muitos estrangeiros que lá estudaram o conhecimento védico, levaram de volta consigo as informações recebidas, mas passaram propagá-las como se tivessem sido recém descobertas por eles mesmos, omitindo a referência à jazida védica como a fonte original de todas aquelas joias. O caso mais famoso é o do matemático grego Pitágoras (571 a. C.), que apresentou ao mundo um teorema copiado por inteiro do livro Sulba-sutras, um clássico da literatura védica, escrito por Boudhayana (cerca de 1000 a. C.). Mais tarde, após a invasão do Império Britânico na Índia, o mesmo incidente ocorreu com Isaac Newton, com relação aos seus estudos sobre cálculo, que foram retirados do Livro de Cálculos de Kerala (1350 d. C.). O próprio Newton revela: "Se posso ver mais longe, é porque me ergo sobre os ombros de gigantes".

Entretanto, o encantamento dos europeus diante das minas do conhecimento védico os conduziu a questionar os indianos sobre como puderam desenvolver essas teorias tão complexas, que mais pareciam pertencer ao futuro do que ao tão distante passado, que remonta às origens da civilização humana nesse planeta. Portanto, eles responderam: "Nós não o fizemos. Por certo, dentro do mundo material, devido à percepção sensorial limitada, ninguém seria capaz de produzir tal conhecimento. Tudo o que conhecemos foi revelado nos Vedas por Deus mesmo. Quem mais seria capaz de revelar todo esse conhecimento que está para muito além de nossos limitados sentidos materiais? ”.

Adiante, os ingleses perguntaram por que novas fórmulas e tecnologias não estão sendo desenvolvidas para expandir o conhecimento dado? Com firmeza, os cientistas védicos disseram que não tinham desejo de conhecer nada além do que Deus lhes havia concedido através dos Vedas. O conhecimento científico revelado servia exclusivamente para ser aplicado no dia a dia de seus ritos religiosos. Em outras palavras, de acordo com os Vedas, a meta da ciência é servir a religião. É delinear o caminho do indivíduo em suas práticas diárias e rituais que servem para estabelecer uma conexão com o Divino e com a identidade espiritual eterna de cada um de nós.

Conectando o Vedanta

No entanto, devido ao ateísmo dos falsos cientistas ocidentais, eles se interessaram somente pelo que os Vedas explicam precisamente sobre as ciências exatas e negligenciaram os aspectos religiosos que estão relacionados com estas ciências, bem como as explicações dadas por elas sobre a natureza da alma e de Deus. Porém, para os sábios védicos, o conhecimento contido nos Vedas não pode ser aceito parcialmente. Os Vedas são como um corpo. Aoremovermos qualquer parte, todo o organismo será afetado. Eles são um todo interconectado e

interdependente, porque foi desenhado com apenas um objetivo: guiar a humanidade em direção à perfeição espiritual, pelo caminho do serviço devocional a Deus.

Seguindo este fluxo, no começo do século XX, físicos ocidentais foram expostos à filosofia do Vedanta e alguns deles ficaram fascinados sobre como o Vedanta poderia supostamente explicar algumas das questões mais difíceis da Física quântica. Digo 'supostamente', pois este artigo tem por finalidade demonstrar que o Vedanta aceito por eles, não é o Vedanta original, apresentado por seu autor Vyasa deva.

Os primeiros investigadores quânticos como Planck, Schrodinger, Heisenberg e Bohr se refugiaram no Vedanta a fim de elaborar suas teorias acerca das macro e microestruturas da matéria, bem como da consciência individual e universal presente nelas, como afirmou Erwin Schrödinger: *“O Vedanta ensina que a consciência é singular, que todos os acontecimentos são manifestos dentro de uma consciência universal e que não há multiplicidade de eus.”* Contudo, esta percepção do Vedanta se refere especificamente à da Escola Advaita, ou monista, estabelecida por Shankaracharya no século II, na Índia.

Os propagadores mais famosos desta teoria, Swami Vivekananda e Rabindranath Tagore, conquistaram a atenção dos cientistas ocidentais, influenciando-os com o equivocado conceito da unidade não-distinta entre Deus e as almas individuais, como se vê nesta declaração de Schrödinger: *“Por ele mesmo, o insight não é novo. O reconhecimento de que ATMAN = BRAHMAN (o eu individual é idêntico ao onipresente e todo penetrante eterno EU) foi considerado pelo pensamento indiano, longe de querer ser blasfemo, como a quintessência do insight mais profundo dentro dos acontecimentos mundiais. O esforço de todos os literatos do Vedanta foi, após aprenderem a pronunciar com os próprios lábios, assimilar de fato em suas mentes este que é o maior de todos os pensamentos. Novamente, os místicos dos séculos passados, independentemente, mas em perfeita harmonia entre si (semelhante às partículas de um gás ideal), descreveram, cada um deles, a experiência única de suas vidas em termos que podem ser condensados em uma frase: DEUS FACTUS SUM (Eu me tornei Deus)”*.

A Filosofia Advaita de Shankaracharya

Shankaracharya norteou seu comentário sobre o Vedanta-sutra em quatro pequenos aforismos conhecidos como maha-vakyas: aham brahma'smi (Eu sou Brahman), tat tvam asi (Você é Aquele Brahman), prajñanam brahma (todo o conhecimento é Brahman) e sarvam kalvidam brahma (Brahman está em toda parte). Sua interpretação sobre o Vedanta enfatiza a não distinção entre a alma individual e Brahman, bem como o fato de que Brahman não possui forma e atributos pessoais, e está manifesto em tudo, tanto no mundo material, quanto no espiritual, tanto nas entidades móveis, quanto nas inertes.

Na verdade, diferente do que propõe a Escola Advaita, o Vedanta-sutra afirma que o Brahman possui Sua individualidade eterna e também forma, características próprias e é repleto de bem-aventurança (ananda-mayo'bhyasat). De acordo com a gramática sânscrita, a palavra 'brahma' neste contexto não significa Deus, mas sim aquilo que é 'divino' ou 'transcendental'. Para se referir a Deus, o Ser Supremo, é necessário utilizar-se do termo Param Brahma. Param significa o supremo, então se houver algo ainda mais elevado do que brahma, este não pode se referir

diretamente a Deus, porque Deus é o Todo-poderoso Param Brahma. Palavras tais como brahma, atma (alma) e isvara (controlador) podem ser usadas acompanhadas do sufixo ‘param’, elevando-as de categoria. Nós somos atma e Deus é Paramatma, a Superalma. Os semideuses são isvara, mas Deus é Paramesvara, o Controlador Supremo.

Desse modo, os maha-vakyas de Shankaracharya modificaram o significado original do Vedanta-sutra e, portanto, não podem ser considerados como fonte confiável de validação tanto científica quanto religiosa. Além disso, este não é o único comentário sobre o Vedanta-sutra disponível. Comentários como o de Ramanuja Acharya, Madhva Acharya e Baladeva Vidyabhusana oferecem uma compreensão apropriada acerca do significado original do Vedanta-sutra, baseado na concepção de um Deus eternamente distinto de Suas criaturas e criações. Todavia, as respostas que os físicos quânticos desejavam obter, baseadas em paradigmas egocêntricos, foram contempladas pela Escola Advaita. Mas, considerando que estas respostas não estavam corretas, qual é a razão de se ter orgulho de uma falsainfluência do Vedanta sobre a Física quântica? Por certo, esses físicos quânticos jamais poderiam ter sido chamados de vedantistas, pois isto seria, sem sombra de dúvidas, uma ofensa à tradição védica.

Uma declaração como esta pode deixar os físicos quânticos e seguidores da Escola Advaita envergonhados, mas, para salvar as gerações futuras das teias da ignorância, devemos expor suas falsas teorias e estabelecer o verdadeiro conceito do Vedanta como ele é. Só assim poderemos saber se o Vedanta realmente pode dialogar com a física quântica ou não.

O que o Vedanta Diz

Primeiramente, como comecei apresentando neste ensaio, a filosofia e a ciência contidas nos Vedas nunca propuseram que a humanidade fosse capaz de conhecer toda a verdade acerca da existência. O que quer que seja necessário para que o ser humano possa conhecer a meta suprema e o destino final da vida, o Criador fará com que este conhecimento se torne acessível a todos, automaticamente. Perguntas tais como: “o que é matéria negra?”, “o que é gravidade?”, “existem multidimensões?”, “pode um elétron residir em dois locais ao mesmo tempo?”, dentre outras deste naipe, não são nem um pouco relevantes para aqueles que estão praticando o que o Vedanta ensina como sendo o dharma eterno da alma: o serviço devocional puro a Deus.

Por este motivo, o primeiro verso do Vedanta-sutra é athato brahma jijñasa – “devemos primeiramente questionar sobre a Verdade Absoluta ou Brahman”. O verso não diz que devemos primeiramente questionar sobre a realidade subatômica! Isso demonstra claramente o fato de que os físicos quânticos se utilizaram das escrituras védicas da maneira como lhes foi conveniente, mas sem adotar o *modus operandi* védico, como confessa Heisenberg: “*Experimentos são o único meio de conhecimento à nossa disposição. O resto é poesia, imaginação*”. Ao mesmo tempo que se vale de sentenças védicas para ilustrar seus ensaios, Heisenberg nega a validade do caráter divino e infalível do Vedanta, afirmando que a única chave para compreender a realidade é através de experimentos. No entanto, o verso do Vedanta-sutra ‘sastra yonitvat samanvaya’ nos orienta muito claramente neste sentido: “*Para conhecer a Verdade Absoluta deve-se estudar as escrituras védicas*”.

Os físicos quânticos estão tentando em vão explorar o mundo além dos sentidos sem admitir a presença de Deus, o qual é conhecido como Hrishikesh, o Mestre dos sentidos e, portanto, inúmeros conflitos e distúrbios sociais surgem em decorrência desta tentativa frustrada. A qualidade da onisciência pertence exclusivamente a Deus, e a mensagem fundamental do Vedanta é que somos servos eternos de Deus e Suas partículas divinas. Não deveríamos passar nossas vidas tentando contar estrelas no céu ou grãos de areia na praia. Viver possui um sentido muito mais elevado e o Vedanta-sutra o apresenta claramente desde o primeiro verso.

Através de sentidos limitados não podemos capturar a realidade transcendental e, para tanto, o Vedanta nos ensina sobre apaurusheya. O processo de apreensão do conhecimento espiritual deve ser obtido de cima para baixo, ou seja, deve ser revelado pelo próprio Criador. Do contrário, sempre permaneceremos na escuridão de nossa limitada percepção sensorial. Assim sendo, estes físicos são como cegos trabalhando na escuridão, e quando um cego guia outro cego, ambos caem no buraco.

O Vedanta não necessita de qualquer interpretação para ser compreendido, mas devido ao seu nível intelectual altíssimo, muitos fracassam ao tentar explicá-lo corretamente e, como resultado, encontramos várias escolas oferecendo cada qual sua própria interpretação do Vedanta. Mas, assim como o cisne pode separar o leite misturado n'água, o leitor qualificado do Vedanta, conectado a uma sucessão fidedigna de mestres autorrealizados, sabe que ali está presente um importante conceito chamado acintya-bheda-abheda (ABA).

A Essência do Vedanta

O conceito de ABA foi revelado pelo avatar Sri Chaitanya Mahaprabhu, há quinhentos anos, e literalmente significa: “a inconcebível diferença e semelhança simultâneas entre dois objetos”. O conceito paradoxal de ABA está presente no Vedanta como sendo o meio através do qual Deus pensa e atua em relação a quase todos os aspectos da vida, e como Ele constrói os reinos material e mental. Por quê? Porque a vida é um modelo tão complexo que torna a possibilidade de sua existência absurdamente rara e insubstituível dentre infinitas possibilidades. Para criar todos esses cenários de milagres, Deus encontrou Sua medida através do equilíbrio entre a existência e a não existência, entre a possibilidade e a impossibilidade. Então, devemos aprender a primeira lição do Quantum Vedanta: Deus é o único capaz de atuar sob qualquer paradoxo, e ainda assim fazê-lo parecer completamente coerente.

Quando a teoria quântica sugere que não podemos manter uma porta fechada e aberta ao mesmo tempo, isso desafia diretamente a potência divina chamada aghatana-ghatana-patiyasi, a potência de fazer o impossível possível, como já descrito no caso de ABA. Assim, o Vedanta que poderia ajudá-los a entender o que é a física quântica, é o Vedanta ABA, o qual revela que os paradoxos existem em todos os níveis da realidade, começando pelos elétrons e culminando na própria natureza de Deus.

Em outras palavras, Deus e as almas são semelhantes em qualidade, mas diferentes em quantidade. Porque viemos dEle, possuímos a mesma natureza, mas porque Ele é onipotente, difere-se das almas infinitesimais que possuem poderes limitados. Igual em qualidade, mas diferente em quantidade. Este é o verdadeiro salto quântico!

Considerar que todas as almas são Deus, mas ao mesmo tempo não conseguir responder a questões básicas sobre os mistérios da vida, é uma contradição. Ironicamente, a concepção da não-diferença entre Deus e as almas se encaixou perfeitamente com o falso ego e o orgulho dos cientistas ocidentais, que clamam ser ou terem se tornado Deus.

Mas, o que encontramos nos Upanishads é a seguinte afirmação (*Svetasvatara Upanisad* 6.13):

*nityo nityanam cetanas cetananam
eko bahunam yo vidhadati kamam*

“Dentre inúmeros seres eternos, um é a fonte da eternidade. Dentre inúmeros seres conscientes, um é a fonte da consciência.”

Os físicos quânticos tentam demonstrar a complexidade das regras universais observando o comportamento elementar das partículas subatômicas. Mas, ao isolarem e observarem algumas partículas atômicas dentro de máquinas em laboratórios, os físicos pensam que serão capazes de compreender o mecanismo chave de todo o universo, bem como sua natureza intrínseca e desenvolvimento, como supõe Schrodinger: *“A unidade e continuidade do Vedanta estão refletidas na unidade e continuidade das ondas mecânicas. Isso condiz inteiramente com o conceito do Vedanta do Todo na parte.”*

Fé e Ciência

Ao gerar uma condição artificial, como poderão expressar a realidade? Esse impasse, no entanto, foi curiosamente questionado pelo próprio Werner Heisenberg em seu *Princípio da Incerteza*. Ele disse que, quando um físico se esforça para observar uma partícula subatômica, os equipamentos necessários para o experimento alteram inevitavelmente a trajetória das partículas. O que quer que seja utilizado para filtrar a realidade dentro da percepção do observador, sejam os instrumentos, máquinas ou os próprios sentidos, já corrompem a pureza original do fenômeno em si. Max Planck também confirma isso ao declarar: *“Qualquer um que tenha se dedicado seriamente a algum trabalho científico de qualquer tipo, percebeu que à entrada dos portões do templo da ciência estão escritas as seguintes palavras: ‘Deveis ter fé’. Essa é uma qualidade indispensável para todo cientista”*.

Outro ponto importante é o fato de que quando se apoiam em probabilidades, os cientistas acabam pisando fora do campo da ciência, flutuando no vazio. Em seguida, ainda querem posar como filósofos ou poetas, escrevendo sobre seus delírios como se fossem o resultado das mais profundas reflexões da mente humana. Como Niels Bohr mesmo confirma: *“O mundo quântico não existe. Existe apenas uma descrição abstrata da Física quântica. É errado pensar que a tarefa da Física é descobrir como a natureza é. A Física se preocupa com o que podemos dizer sobre a natureza...”*

Não obstante, todas essas declarações deveriam ter sido suficientes para tê-los feito abandonar por completo seus experimentos e se abrigar definitivamente na tradição védica de se

fazer ciência. Mas, por que eles não o fizeram? Porque continuaram conduzindo experimentos e teorias evasivas que nunca ajudarão a humanidade a avançar espiritualmente?

Ao invés de tentar entender por si mesmos, os cientistas poderiam fazer uma simples pesquisa no Quinto Canto *do Srimad Bhagavatam* e ler diretamente os registros sobre a origem da vida, criação, manutenção e destruição do universo. Aliás, o *Srimad Bhagavatam* por sua vez é apresentado como sendo artho yam brahma-sutranam, o comentário natural do Brahma-sutra ou Vedanta-sutra, escrito pelo mesmo autor Krishna Dvaipayana Veda Vyasa.

No mundo quântico ocidental, quando os sentidos alcançam seus limites, os físicos se tornam filósofos e místicos, mas, porque não cultivam a postura de servidão em relação a Deus e não aprendem o Vedanta através de uma sucessão discipular de mestres autorrealizados, suas falsas teorias se tornam um veneno para eles mesmos.

Um cientista ocidental é aquela pessoa que, apesar de todas as limitações dos seus sentidos, aspira investigar e conhecer através de meios mecânicos aquilo que Deus mantém em segredo e oculto para a mente humana. Quando eles forem capazes de elevar suas consciências ao nível da alma, compreenderão que a onisciência que almejam, é um atributo exclusivo de Deus e, somente quando Ele desejar, este conhecimento poderá ser revelado, como está explicado no verso do Vedanta-sutra tarkapratisthanath.

Quando a inspiração divina se manifestar, a mente saberá, o coração sentirá e a alma celebrará.

SHANKARACHARYA E OS DOIS BUDDHAS

Este artigo foi criado a partir das informações contidas no livro *Vaishnava Vijay - A História do Mayavadismo*, de Srila Bhakti Pragyana Keshava Goswami Maharaj, no qual é revelada a existência de dois Buddhas que acabaram confundidos como um só. Trata-se do Buddha Avatar de Vishnu, o fundador original do budismo, e de Sakya Singha Buddha, a quem comum e erroneamente é atribuída a paternidade do budismo histórico.

O livro também analisa a influência da doutrina de Sakya Singha Buddha no pensamento Mayavadi de Shankaracharya e a tentativa deste de fazer com que os dois Buddhas parecessem ser a mesma pessoa. A pregação de Shankaracharya converteu milhares de budistas para o mayavadismo e foi a causa da expulsão do budismo da Índia. *Vaishnava Vijay!* (Vitória aos Vaishnavas!)

Sakya Singha Buddha

Segundo acadêmicos hindus e budistas, Sakya Singha Buddha nasceu em meados do século V a.C. em Kapilavastu, no Nepal, próximo dos famosos Jardins Lumbini. Seu pai era o Rei Suddhodana e sua mãe, a Rainha Mayadevi. Depois de estudar sob a tutela do ateuista Gautama Muni, ficou também conhecido como Siddharta Gautama. Estudiosos védicos afirmam que ele viveu de 563 a 483 a.C., budistas Mahayanas calcularam que ele viveu de 566 a 486 a.C., a tradição Mahavamsa datou de 546 a 466 a.C. e Max Müller opina de 477 à 397 a.C.

O Buddha Avatar de Vishnu

Estima-se que o aparecimento do Buddha Avatar de Vishnu ocorreu pelo menos três mil e quinhentos anos antes de Sakya Singha Muni. Quanto à sua data de nascimento, o segundo capítulo do *NirnayaSindhu* informa: “*jyaisthe sukle dwitiya ayang buddha janmang bhavishyati* - no segundo mês do ano indiano, no segundo dia da metade do mês, a Encarnação de Vishnu como Buddha aparecerá”. Mais à frente neste livro, está descrita a Sua adoração: “*poush suklasya saptamyang kuryat buddhasya pujanam* - no nono mês do ano indiano, no sétimo dia da metade do mês, deve-se adorar a Encarnação de Vishnu como Buddha”.

No *Vishnu Purana*, *Vayu Purana*, *Garuda Purana*, *Skanda Purana* e em livros como *Devi Bhagavat* e *Saktipramode* existe a menção de apenas um Buddha. Está confirmado no ilustre *Bhagavata Purana (Srimad Bhagavatam)* canto 1, capítulo 3, verso 24:

buddho namnanjana-sutah kikatesu bhavisyati

“O Senhor Buddha, o filho de Anjana, aparecerá na província de Gaya”.

As escrituras védicas confirmam que o Buddha Avatar de Vishnu apareceu em Gaya, na região de Bihar, na Índia, como filho de Anjana. Qualquer sistema de filosofia pregada pelo

Buddha Avatar de Vishnu deve ser entendida como sendo o budismo original e, sendo Ele uma das dez encarnações do Senhor Vishnu, devemos informar aos nossos leitores o que as escrituras dizem sobre Sua encarnação como filho de Anjana em Gaya, como o Buddha original. Nos versos do *GitaGovinda*, de Srila Jayadeva Goswami, encontramos o seguinte:

*vedan uddharate jaganti vahate mugolam
udbibhrate daityaric darayate balirh chalayate
ksatra ksayam kurvate paulastyam. jayate
halarh kalayate kamnyam atanvate
mlecchan murchayate dasakrtikrte krsnaya tubhyarh namah*

“Saudações a Ti, Ó Krishna, que representa as dez encarnações: protegendo os Vedas como Matsya, erguendo a Terra como Varaha, carregando a montanha da Terra como Kurma, dilacerando um demônio como Narasingha, enganando Bali Maharaja como Vamanadeva, destruindo os kshatriyas como Parashurama, vencendo Ravana como Rama, segurando o arado como Balarama, espalhando a compaixão como Buddha e iludindo os comedores de carne como Kalki”.

Também no nono verso do *Dasa Avatara Stotram*, de Srila Jayadeva Goswami, há mais informações sobre a encarnação do Senhor Vishnu como Buddha: “Ó Kesava, que encarnou como Senhor Buddha. Ó Senhor de todos os mundos. Ó Hari, ó piedoso, que censurou o conjunto de hinos védicos e injunções de sacrifícios que permitiam o abate de animais”.

Portanto, é evidente que os dois Buddhas não são a mesma pessoa e que, embora Sakya Singha seja hoje reverenciado neste mundo como o Buddha original, não há, de forma alguma, qualquer relação com Vishnu ou qualquer encarnação do Senhor Vishnu. O local de aparecimento do Buddha Avatar de Vishnu, o tempo de aparecimento, a filiação e a filosofia são completamente diferentes dos de Sakya Singha Buddha.

Por isso, agora pode-se entender que a opinião predominante nas mentes das massas, budistas e não budistas, a respeito da identidade do Buddha original é apenas como sendo Sakya Singha Buddha e não o Buddha Avatar de Vishnu. De uma forma geral, este mal-entendido sobre a verdadeira natureza das coisas é muito comum neste mundo, mas no que se refere a conceitos e diagnósticos sérios, não somos unânimes em concordar com a compreensão de Shankaracharya sobre esta questão.

Para Shankaracharya, ficar impressionado com a opulência de Sakya Singha Buddha por exibir uma forma de iluminação é uma coisa; mas adorar a sua condição ontológica de ateísmo e pensamento filosófico niilista e depois criar enganosamente a ilusão de que Sakya Singha Buddha era o mesmo que o Buddha Avatar de Vishnu, não pode ser considerada aceitável e deve ser rejeitada.

Shankaracharya colocou Sakya Singha na mais alta e absoluta plataforma da encarnação divina, demonstrando-lhe uma reverência indevida, embora, como demonstraremos posteriormente, ele também tenha falado do mesmo Sakya Singha como estando em delírio,

sangrando em insanidade. Estas contradições, uma de reverência e outra de falsa ira e fingimento, foram usadas para mal orientar o povo, e assim a rede artificial do mayavadismo ilusório expandiu-se.

Em diferentes partes dos *Puranas*, o mayavadismo de Shankaracharya (a filosofia de que a alma é idêntica ao Brahman) foi definido como pertencendo ao panteão budista. Por esta razão, é imperativo que deliberemos plenamente sobre o que é o panteão budista.

Vaisnava Vijaya!

A Estratégia de Shankaracharya

Agora, precisamos desfazer a relação criada entre o Buddha Avatar de Vishnu e Sakya Singha Buddha. Uma vez que a filosofia Mayavadi de Shankaracharya está totalmente enraizada no budismo de modo geral, devemos determinar com uma metodologia clara a natureza dos dois. A visão que Shankaracharya disseminou sobre Buddha não pode ser considerada correta e justificada, pois ele apresentou a ideia de que o Buddha Avatar de Vishnu e Sakya Singha Buddha eram a mesma pessoa. Além de ser completamente falsa, marcou o início da propagação dos mecanismos ilusórios do mayavadismo por toda a Índia.

Mas, uma coisa é evidente, a partir deste período, o pensamento e as concepções Mayavadis inundaram a Terra do mesmo modo que uma represa se rompe após séculos de energia acumulada. Desde a época de Sakya Singha Buddha até a de Shankaracharya em 786 d.C., houve um período de aproximadamente 1.200 anos marcado pelos ataques do impersonalismo à Mãe Índia por todos os lados. A teoria Mayavadi de Shankaracharya é a mesma moeda falsa e enganosa do ateísmo.

Foi somente com o aparecimento das quatro sampradayas Vaishnavas (escolas iniciáticas autorizadas) que o mayavadismo sofreu sua primeira grande derrota. A Rudra sampradaya foi estabelecida por Vishnudevami por volta de 700 d.C. muito antes do nascimento de Shankaracharya, a Sri sampradaya de Ramanuja, no século 10 d.C., a Kumara sampradaya de Nimbarka, no século 11 d.C., e a Brahma sampradaya de Madhvacharya, no século 12 d.C.

Embora se utilize de citações dos *Upanishads* e pretenda representar o pensamento védico, o mayavismo de Shankaracharya não pertence a nenhuma das escolas iniciáticas supramencionadas, que são as únicas autorizadas a representar a tradição védica, como está declarado no *Padma Purana*:

*sampraddya vihina ye mantras to nisphalad matah atah kalau bhavisyanti catvarah
sampradayinah sri brahma rudra sanaka vaisnavah ksitipavanah catvaras to kalau bhavya utakle
purusottamah ramanujam sri svicakre madhvacharyam caturmukhah sri visnudevami nam rudro
nimbadiyam catuhsanah*

“Aquele que canta um mantra que não foi recebido por uma das quatro escolas de sucessão discipular autorizadas não colhe os frutos desejados com a prática espiritual. Todas as atividades espirituais são absolutamente infrutíferas, a menos que alguém se conecte através da

iniciação por um mestre espiritual vivo na Sri sampradaya, estabelecida por Ramanuja e inspirada por Laksmi devi; na Brahma sampradaya, estabelecida por Madhvacharya e inspirada pelo Senhor Brahmá; na Rudra sampradaya, estabelecida por Vishnusvami e inspirada pelo Senhor Shiva; e na Sanaka sampradaya, estabelecida por Nimbarka e inspirada pelos quatro Kumaras”.

Shankaracharya não pertence a nenhuma dessas sampradayas, portanto toda a sua filosofia e prática espiritual não estão autorizadas pelos *Vedas*. Na verdade, como veremos adiante, Shankaracharya compilou sua filosofia interpolando versos dos *Upanishads* a fim de dar um novo significado ao *Vedanta-sutra*, capaz de sustentar sua teoria Mayavadi de que a alma individual é idêntica ao Brahman.

Tal conclusão é justamente o oposto pregado nas escrituras védicas que, em uníssono, declaram que a alma infinitesimal é apenas parte e parcela da Suprema Personalidade de Deus, Param Brahman.

Agora, a questão fundamental que se coloca é a de saber por que Shankaracharya apresentou erroneamente Sakya Singha Buddha como sendo o autêntico Buddha Avatar de Vishnu, e onde isso começou. A resposta pode ser encontrada no seu comentário ao *Vedanta-sutra* chamado *Sariraka Bhasya*, onde ele inseriu furtivamente a palavra *sugata*, que é usada exclusivamente para o Buddha Avatar de Vishnu, e a utilizou indevidamente para representar Sakya Singha Buddha. O respectivo trecho do *Sariraka Bhasya* é o seguinte:

*sarvatha api anadaraniyo ayam sugata samayah
sreyaskamaih iti abhiprayah*

“Na nossa opinião, a doutrina de Buddha deve ser ignorada de todas as formas possíveis por aqueles que desejam o seu próprio bem-estar”.

Ao usar a palavra *sugata* no seu comentário *Sariraka Bhasya*, Shankaracharya identificou falsamente Sakya Singha Buddha como se fosse o Buddha Avatar de Vishnu. A palavra *samayah* indica ontologia ou conclusão filosófica. Portanto, *sugata samayah* indica o Buddha Avatar de Vishnu e não o Sakya Singha Buddha. O uso do nome Sugata Buddha para o Buddha Avatar de Vishnu já existia nas escrituras budistas, antes mesmo do nascimento de Sakya Singha. O ateu e budista Amarasingha, compilador do antigo e autorizado livro *Amarakosha*, dá evidências que comprovam isso. Amarasingha nasceu aproximadamente em 550 d.C., o que o coloca há cerca de 150 anos antes do advento de Shankaracharya. Ele era filho de casta mista, de um pai brahmana, Sabara Svami, e de uma mãe shudra. A prova disso está registrada em antigos versos sânscritos de domínio popular:

*brahmamyam abhavat varaha mihiro jyotirvidam agranih
raja bhartrharish ca vikramarnpah ksaratmajayam abhut
vaisyayam haricandra vaidya tilako jatah ca sankuh krti
sudrayam amara sad eva sabara svami dvija sya atmajah*

“Sabara Svami deu à luz apenas seis filhos. Varahamihira o melhor dos astrólogos nasceu de uma senhora brâmane. O Rei Bhatrhari e o Rei Vikramaditya nasceram de uma dama Kshatriya. Harichandra, o melhor dos médicos, e o abençoado Sankuh nasceram de uma senhora vaishya e Amarasingha nasceu de uma senhora shudra”.

Vaisnava Vijaya!

Dois Buddhas diferentes confirmados pelo *Amarakosha*

Amarasingha compilou várias escrituras e livros budistas e muitos deles caíram nas mãos de Shankaracharya. Com exceção do livro *Amarakosha*, Shankaracharya queimou todos os outros. O livro *Amarakosa* foi especialmente preservado por ele porque incorporava detalhes específicos sobre a Encarnação de Vishnu como Buddha, que é conhecido como *buddho sugato*. Abaixo, apresentamos os trechos relevantes para esclarecer melhor que a Encarnação de Vishnu como Buddha e Sakya Singha Buddha não são definitivamente a mesma pessoa.

*sarvajnah sugato buddho dharmarajah tathagatah
samanta bhadro bhagavan marajit lokajit jinah
sadabhijno dasablo advayavadi vinayakah
munindrah srighanah sasta munih*

“Onisciente, transcendental, Buddha, rei da justiça, aquele que descendeu, benfeitor, todo abrangente, Senhor, conquistador do deus do amor Mira, conquistador dos mundos, ele que controla os seus sentidos, protetor dos seis inimigos, possuidor das dez potências, orador do monismo, principal senhor dos ascetas, encarnação do esplendor e mestre dos ascetas”.

O verso acima contém dezoito nomes do Buddha Avatar de Vishnu, incluindo o nome *sugato*, e o verso abaixo contém os sete nomes de Sakya Singha Buddha sem qualquer menção a *sugato*.

*sakyamunih to yah sah sakyasimhah sarvarthasiddha
suddhodanah ca sah gautamah carkabandhuh ca mayadevi sutah ca sah*

“Professor dos Sakyas, leão dos Sakyas, realizador de todos os objetivos, filho de Suddhodana, da linha de Gautama, amigo dos apanhados, filho de Mayadevi”.

No comentário sobre o *Amarakosha*, de Srila Raghunatha Chakravati, ele também dividiu os versos em duas seções. Para os dezoito nomes do Buddha Avatar de Vishnu, ele escreve as palavras '*astadas buddha*' que inclui os nomes '*sarvajnah sugato buddho*', portanto, *sugata* refere-se claramente apenas ao Buddha Avatar de Vishnu. Também no seu comentário sobre os sete nomes de Sakya Singha Buddha, ele escreve: “*ete sapta sakya bangsabatirneh buddha muni bishete* - todos os nomes que vão desde ‘Sakya Muni’ até ‘filho de Mayadevi’ pertencem à dinastia Sakya”. Esta é outra prova valiosa e concisa que confirma a existência separada de dois diferentes Buddhas.

Outro exemplo é dado no *Amarakosha* de Serampore, por H.T. Colebrook, publicado em 1807. Nas páginas dois e três, foram prestados mais esclarecimentos sobre a palavra Buddha, enumerando os sete pseudônimos de Sakya Singha. Além do comentário de Shрила Raghunatha Chakravarti, são também mencionados outros vinte e cinco, mas não vamos enumerá-los aqui, com receio de tornar este artigo volumoso.

Concluindo, todas as evidências comprovam inegavelmente que foi Sakya Singha Buddha que promulgou as doutrinas do ateísmo e do niilismo, que constituem a filosofia do budismo no mundo de hoje e não há nenhuma evidência de qualquer fonte que possa apoiar a ideia de que esta doutrina foi alguma vez introduzida pelo Buddha Avatar de Vishnu e, portanto, não pode ser atribuída a Ele.

A única razão pela qual Sakya Singha Buddha também foi chamado de Gautama foi porque ele era discípulo de Gautama Muni da dinastia ateísta de Kapila Muni. Isto é confirmado no seguinte verso do *Sundarananda Charit*:

guru gotrat atah kautsa to bhavanti sma gautamah

“Ó Kautsa, porque seu professor era Gautama, ele ficou conhecido pela sua linhagem familiar”.

Como esse era também um dos nomes do Buddha Avatar de Vishnu, isso ajudou a aumentar ainda mais a ilusão de que Sakya Singha Buddha e o Buddha Avatar de Vishnu eram a mesma personalidade.

Vaisnava Vijaya!

Outras Escrituras Budistas Falam em Dois Buddhas

Além do *Amarakosha*, há muitas outras escrituras budistas que confirmam este fato. No *Prajñaparamita Sutra*, *Astahasrik Prajñaparamita Sutra*, *Satasahasrik Prajñaparamita Sutra*, *Lalita Vistara* e outros há a revelação da existência de três diferentes níveis de Buddhas, como descrito abaixo:

- 1) Adi Buddha: A encarnação onipotente do Senhor Buddha Avatar de Vishnu.
- 2) Bodisattva Buddha: os Buddhas como Samanta Bhadra que nasceram iluminados.
- 3) Buddhas humanos: os Buddhas como Sakya Singha que alcançaram a iluminação durante a vida.

A encarnação original do Senhor Vishnu como Buddha, possuía todas as opulências e potências divinas, enquanto que quaisquer outras manifestações subsequentes, que tenham sido descritas como Buddha, se encontravam numa plataforma totalmente diferente, possuindo apenas uma parte dessa potência como frutos da iluminação. Sakya Singha Buddha não nasceu um Bodhisattva, ele alcançou Bodhi, ou iluminação, após anos de severas austeridades. Samanta Bhadra nasceu iluminado e, portanto, não teve necessidade de praticar austeridades severas para

atingir esse estado. O Adi Buddha que encarnou como um dos Lila-avatars do Senhor Vishnu foi uma manifestação da Suprema Verdade Absoluta e totalmente transcendental à existência material, sendo Ele a perfeição personificada. Ele apareceu com o propósito específico de pôr um fim ao abate de animais pregando a Sua filosofia *ahimsa*, não violência, contra qualquer entidade viva. Encontramos também no *Lalita Vistara*, página 178, a seguinte referência:

*esa dharanimunde purvabuddhasanasthah
samartha dhanuh grhitva sunya nairatmavana yih
klesaripum nihatva drstijalam bhitva
siva virajamasokam prapsyate bodhim agryam*

“Este, sentado no pedestal do Buddha anterior, viajante no caminho do vazio e do altruísmo, segurando o poderoso arco que mata o inimigo sob a forma de angústia, quebrando as ilusões, alcançará o indolor desprendimento auspicioso e a mais nobre sabedoria”.

Fica evidentemente claro a partir deste verso que Sakya Singha Buddha considerou o pedestal de penitência do Buddha Avatar de Vishnu, em Bodhi-Gaya, como sendo extremamente sagrado e santificado. Assim, ele realizou austeridades ali, sentado debaixo de uma árvore pipal e alcançou *bodhi* ou iluminação. Nas escrituras védicas, isto é interpretado da seguinte forma:

kalau prapte yatha buddho bhavet visnuh prabhuh

“Na era de Kali, o Senhor Vishnu encarnou como Buddha”.

O Senhor Vishnu encarnou como Adi Buddha, o filho de Anjana em Gaya, Bihar, Índia. Não encarnou como Sakya Singha Buddha, filho de Mayadevi, em Kapilavastu, Nepal. Portanto, de acordo com a escritura védica *Srimad Bhagavatam*, esta é uma verdade histórica e o verdadeiro princípio.

Vaisnava Vijaya!

Budismo Disfarçado na Teoria Mayavadi de Shankaracharya

No *Prajñaparamita Sutra*, escrito por Kishori Mohan Chatterji, que era um budista reconhecido, na página 177, afirma-se que o negativismo da teoria Mayavadi de Shankaracharya e o negativismo da doutrina budista não são diferentes. Eles são apenas dois nomes para a mesma filosofia. Não há dúvida de que a teoria Mayavadi de Shankaracharya é oriunda do budismo. Isto é evidente tanto para os estudiosos quanto para os leigos.

Aqui, o escritor conduziu uma comparação das duas e provou definitivamente que as ideias do mayavadismo estão em sintonia com as ideias do budismo. Assim, Vijñan Bhiksu juntamente com os filósofos de Sankya, Pantajali, iogues, sábios e rishis, acharyas como Ramanuja, Nimbarka,

Vishnusvami e Madvacharya, Vedantistas como Baladeva Vidyabhusan e até os próprios budistas consideravam Shankaracharya como um propagador dos conceitos ideológicos e teológicos de Sakya Singha Buddha.

O próprio Shankaracharya, tal como citado anteriormente, também demonstrou grande reverência por Sakya Singha Buddha e diferentes Puranas descrevem suas ideias como ‘sintomas de um budismo disfarçado’. Os argumentos dos infalíveis *Puranas* são irrefutáveis e, embora os seguidores de Shankaracharya se oponham firmemente a estes versos, mesmo sem quaisquer provas substanciais que sustentem sua oposição, com a mais simples investigação, qualquer pessoa pode ver que o mayavadismo de Shankaracharya e o niilismo ateu de Sakya Singha Buddha possuem fundamentos comuns.

Se estudarmos os antecedentes históricos, encontraremos muitas semelhanças e afinidades entre o budismo e o mayavadismo. Tradicionalmente, vimos que os seguidores de Shankaracharya não ficam muito satisfeitos com a nossa opinião sobre eles serem budistas disfarçados, mas apenas para remover as objeções deles sobre este ponto e para trazer gradualmente uma mudança na sua compreensão, com base nas escrituras reveladas, estamos humildemente apresentando a teoria de Shankaracharya paralelamente à de Sakya Singha Buddha e vamos compará-las.

Visto que o budismo e o mayavadismo têm tanto em comum e é um fato que a filosofia budista de Sakya Singha predominou na Índia por quase mil anos antes da prolífica promulgação do mayavadismo de Shankaracharya, é importante entender exatamente como os fundamentos básicos do mayavadismo foram alimentados pelo budismo e como, com base nesses fundamentos, o mayavadismo foi capaz de crescer e florescer. Queremos que os leitores do nosso humilde artigo se familiarizem com isto.

A própria natureza é maya, por ser parte e parcela da energia externa chamada de maya. Assim, o naturalismo de Sakya Singha Buddha está também na arena do mayavadismo. A palavra buddha significa conhecimento. O conhecimento que vem do ventre de maya é chamado de mayavadismo. Na verdade, foi após o nascimento de Sakya Singha do ventre de sua mãe, Mayadevi, que a teoria da ilusão tomou forma definitiva e pode ser divulgada. A filosofia do Buddha Avatar de Vishnu, baseada em ahimsa, ou não-violência, é totalmente diferente da filosofia do niilismo ateu de Sakya Singha Buddha.

Agora, vamos fazer uma análise comparativa da unicidade dos conceitos do budismo e do mayavadismo, apesar de parecerem dicotômicos. Vaisnava Vijaya!

Sakya Singha Buddha Anula a Existência do Universo

Segundo Sakya Singha Buddha, o universo é inexistente e era inexistente no início, sendo considerado por ele como um mal no início e um mal no fim, e, portanto, também um mal no seu transcurso. O tempo também não é abordado de forma racional na sua filosofia. Segundo ele, nada estava no início e nada estará no fim e, porque o passado era inexistente e o futuro também será inexistente, então isso pressupõe que o presente também seja inexistente. Levando esta filosofia ainda mais longe, ele afirma que o presente é apenas mais um nome para o passado e para o futuro.

Continuando, ele deduz que qualquer ação, antes de ser realizada, está no futuro, mas no momento em que é realizada torna-se passado, e sendo o presente nada mais que o espaço ilusório entre um passado inexistente e um futuro inexistente, ele deve ser inexistente também. Armados deste argumento, os seguidores de Sakya Singha Buddha criaram uma forma de tentar negar a existência do universo. Sinceramente, se dissermos que "Rama está vivo", será que isto não denota que exista alguém com o nome de Rama? Como poderia ser mal interpretado, como se não houvesse ninguém com o nome de Rama? Nesse caso, isso anularia também a sua existência e a minha, a de Sakya Singha Buddha e a dos seus seguidores e de todo o resto. Se nada existe, como é que Sakya Singha Buddha pode nascer neste mundo? Como foi capaz de renunciar ao seu reino? Como conseguiu estabelecer sua filosofia? Como foi capaz de fazer discípulos? Como foi capaz de fazer todas essas coisas? Se nada existe, como foi possível manter registros destes acontecimentos?

Quando analisamos tudo isso à luz do conhecimento, fica evidente que, o que quer que tenha acontecido, existiu, e que o passado, o presente e o futuro também existiram, assim como ele. Por isso, podemos ver que a filosofia de Sakya Singha Buddha e a teologia budista atual negam a existência deste universo, bem como o fator tempo do passado, presente e futuro. Shankaracharya também aceita este tipo de ontologia. Vaisnava Vijaya!

Shankaracharya Também Anula a Existência do Universo

Shankaracharya, seguindo fielmente os passos de Sakya Singha Buddha, também aceitou a visão de um universo inexistente sem passado ou futuro e o chamou de avidya (ignorância). Não é possível explicar filosoficamente ou expressar de fato o que isto realmente implica, devido à sua imensa propensão. Shankaracharya, no seu livro *Ajñanbodhini*, escreveu sobre o universo. Se analisarmos estes escritos podemos chegar a uma conclusão sobre o que ele quis dizer por avidya e perceber a sua natureza inerente, tal como demonstrado abaixo:

*bho bhagavan yad bhrama matra siddham tat kim satyam
are yatha indrajalam pasyantam janam vyaghra jala tadid
adi asatyataya pratibhati kim indrajala bhrama nivrrte sati
sarvam mithya iti janati idam tu sarvesam anubhava siddham*

“Ó Senhor, aquilo que é estabelecido como mera ilusão, pode ser real? Por exemplo, ao vermos um espetáculo de magia com um tigre, água e iluminação, será que isso parece irreal? Quando a ilusão do espetáculo de magia termina, sabemos que tudo era irreal. Isto é estabelecido pela própria experiência”.

Por estes versos do *Ajñanbodhini*, Shankaracharya postula que o mundo é ilusório e irreal como um truque de mágicos e, no próximo verso do seu livro *Nirvina Dashaka*, ele registra:

na jagram na me svapno va susuptir na visve

“Não tenho estado de vigília, nem de sonho, nem de sono profundo”.

Por este verso, Shankaracharya dissolveu a existência da mesma maneira que Sakya Singha Buddha. Continuando no verso três do seu livro *Atmapanchak*, ele escreve o seguinte:

*abhati idam visvam atmani asatyam
satya jnana ananda rupe vimohat
nidra mohat svapnavat tat na satyam
suddah purnah nitya ekah sivo aham*

“Este mundo irreal parece real para o eu puro sob a forma de conhecimento e bem-aventurança, devido à ilusão; assim como na ilusão do sono uma pessoa sonha, mas não é real. Portanto, sou puro, completo, eterno e auspiciosamente o Uno indivisível”.

A expressão "*svapnavat tat na satyam*" refere-se ao fato deste mundo não ser real. Que este mundo é como um sonho e, portanto, falso. Que a percepção deste mundo é como a percepção de um sonho enquanto se dorme. Sakya Singha Buddha afirmou que o mundo cotidiano, parece ser um sonho e é apenas coerente, quando pressupomos que o cotidiano e o sonho, ambos provêm da imaginação. Quando um sonho surge da imaginação, ele aparece como uma manifestação do cotidiano. Esta é a convicção dos filósofos.

Embora Shankaracharya, no seu comentário *Sariraka Bhasya* do *Vedanta-sutra*, tenha atacado essa teoria do cotidiano onírico dos budistas, sua hipótese da irrealidade dos fenômenos universais é fundamentalmente idêntica em conteúdo, embora distinta na linguagem.

Shankaracharya apresentou *avidya* como indecifrável, ao afirmar: “*sat asat vilaksana anirvacaniyatra* - a *avidya*, ou ignorância, está para além da descrição, uma vez que não existe ou é não-existente”. Isso é explicado de uma forma tão ambígua que, de fato, não é diferente da teoria atemporal de Sakya Singha Buddha e, assim como o exemplo da ostra e da prata, é apenas fruto da ignorância. Portanto, achar que o aspecto prateado numa ostra seja realmente prata devido ao seu brilho, depende do ponto de vista de cada um, e é apenas temporário. As ideias budistas também são vistas de um determinado ponto de vista e, sendo limitadas, não são eternas, mas apenas temporárias. Não tendo continuidade temporal de passado, presente e futuro essa ignorância não é irreal, mas na verdade, muito real!

O venerado escritor Sri Rajendra Nath Ghose, ao comentar sobre Shankaracharya, apresentou um ponto de vista surpreendente. Ele propôs que algo que é inexistente provoca um reflexo; mas algo que realmente existe não provoca um reflexo, como no caso do Brahman. Portanto, a ontologia budista é um reflexo daquilo que é não-existente. O famoso estudioso budista, Jñanashri, registrou “*yat sat ksanikam* - o que quer que exista é momentâneo”. Isto é totalmente falso e completamente dependente de uma compreensão material que nega a eternidade da alma, do mundo transcendental e a posição eterna e transcendental da própria Suprema Personalidade de Deus. Shankaracharya escreve, no 44º verso do seu livro

Aparokshanubhuti, sobre a natureza temporária deste mundo, fazendo eco ao seu mentor Sakya Singha Buddha:

rajju ajnanat ksanena eva yadvad rajjuh hi sarpini

“Uma corda é apenas uma corda, assim que a ignorância de pensarmos ser uma cobra, é dissipada”.

Se pisarmos numa corda no escuro, podemos facilmente confundi-la com uma cobra. Mesmo que o erro seja de curta duração ou temporário. Assim, ele concluiu que o universo que parece ser real é na verdade um erro de entendimento. Portanto, agora vamos refletir sobre a teoria tridimensional, atemporal e inexistente do universo de Shankaracharya e determinar como ela difere do budismo de Sakya Singha. Vaisnava Vijaya!

O Brahman e a Não-Existência

Analisamos cuidadosa e objetivamente os conceitos do universo tal como postulados por Sakya Singha Buddha e Shankaracharya. Se o universo é inexistente, falso e momentâneo, então o que é real e eterno? Primeiro, vamos discutir o que é eterno e real para os seguidores do budismo, isto é, a não-existência e o nirvana. Para os seguidores do mayavadismo, a doutrina do ateísmo de que não há Deus ou que todos nós somos Deus é o que eles consideram que seja real, e para eles o que é eterno é o Brahman, como sendo o conhecimento final. Segundo Shankaracharya, o que pode ser percebido existe. Sakya Singha Buddha declarou que o que nos dá uma percepção é inexistente. Shankaracharya traduziu isso com a palavra Brahman. Ao preservar todos os atributos do vazio, ele ecoou fielmente a filosofia de Sakya Singha Buddha.

Em relação a Shankaracharya, no livro *Jaiva Dharma*, de Srila Bhaktivinode Thakura, está escrito que, quando Paramahansa Babaji Maharaj ouviu o nome de Shankaracharya, prestou reverências e disse “*shankara saksat* - ele é o próprio Shiva”, lembrando-se sempre que ele é um preceptor dos Vaishnavas. Shankaracharya era um Vaishnava perfeito e é por isso que Sri Chaitanya Mahaprabhu se referia sempre a ele como acharya. Sem cometer qualquer ofensa aos pés de lótus dos servos obedientes do Senhor Supremo, Shankaracharya cumpriu a sua ordem divina de colocar perante a população o caminho através do qual podemos nos abrigar na inexistência, o que é em si uma via encoberta pelo mayavadismo.

Shankaracharya fez isto especificamente por ordem de Krishna, em uma época em que o mundo precisava muito deste valioso serviço. O Senhor Supremo Krishna designou Shiva para descer à Terra e nascer em uma família de brahmanas, para criar uma filosofia que levasse a crer que Senhor Supremo era impessoal, sem nenhuma forma, personalidade, ou qualidades, a qual seria logicamente aceitável para aqueles que se opunham a Bhakti (devoção pura a Suprema Personalidade de Deus). Aqui está uma descrição vívida disso, onde o próprio Shiva descreve para Parvati, no *Padma Purana*:

*mayavadam asacchastram pracchannam auddhamuchyate maya
iva vihitam devi kalau brdharma murtina*

“A teoria Mayavadi pertence a uma escritura não autorizada e é conhecida como sendo um budismo disfarçado. Sou eu, ó Deusa, na forma de um brahmana que perpetrou isso na era de Kali”.

Agora, veremos neste próximo exemplo que o próprio Senhor Krishna instrui confidencialmente a Shiva o seguinte:

*svagamaih kalpitais tvam ca janan kuru madvimukhan
ca gopaya yens syat srstires ottarottara*

“Com suas próprias escrituras montadas, torne as pessoas adversas a Mim e Me esconda para que a população cresça perpetuamente”.

Agora, Shiva revela a Parvati o método pelo qual criou sua teoria:

*vedarthavan mahasastram maydvddam avaidikam
mayd eva kathitam devi jagatam nasakaranat*

“A grande teoria das escrituras Mayavadis não é védica, embora exprima seu significado através dos Vedas. Ó Deusa! Sou eu quem disse isso, porque isso é a raiz da destruição dos mundos”.

Shiva foi autorizado por Krishna a encarnar e difundir essa teoria. Para realizar essa tarefa, Shiva nasceu como Shankaracharya e deturpou as escrituras védicas através da lógica especulativa e interpolação enganosa, e apresentou sua teoria como um budismo disfarçado.

Pode-se entender pelos *Vedas* que Shiva é o senhor da destruição, Brahmá é o senhor da criação e Vishnu é o senhor da preservação. Shankaracharya declarou poderosamente: “Este mundo é uma ilusão! Este mundo é falso! Esta existência não é real!”. Esse ensinamento demoníaco, com um propósito secreto, dá falsa sabedoria aos seres humanos adormecidos espiritualmente. Em Kali yuga, a escuridão da ignorância se aprofunda rapidamente e a degeneração de toda a criação regride pateticamente à ociosidade e à apatia. A humanidade, incapaz de se salvar, fica impotente, seduzida por suas próprias melodias e encantada com sua própria dança, na mais profunda escuridão da ignorância. Isso quer dizer que o processo de destruição liderado por Shiva não é apenas no âmbito físico, mas também no metafísico.

No entanto, foi através dessa teoria que Shankaracharya conseguiu resgatar milhões de pessoas que haviam se convertido ao budismo e renegado suas origens védicas.

O Retorno aos Vedas

Devido à influência da pregação do Buddha Avatar para que os rituais védicos fossem rejeitados, e, mais tarde, com a doutrina da não-existência de Sakya Singha que reforçou ainda mais essa rejeição, os *Vedas* tinham sido quase totalmente esquecidos pelas massas. O estudo dos *Vedas* não era considerado um requisito diário essencial e as atividades normais do varnashramadharma (sistema social) haviam se degenerado. Nessa época, a maioria dos brahmanas tinha se tornado budista, fugindo completamente do Sanatana Dharma (o processo religioso prescrito pelos *Vedas*).

Shankaracharya só obteve êxito em sua revolução, pois conseguiu associar a doutrina da não-existência de Sakya Singha Buddha ao brahmavada da sua teoria Mayavadi. Por isso, todos os vedantistas são eternamente gratos a ele.

As atividades neste mundo são julgadas por dois pontos de vista: temporal e eterno. As atividades realizadas por Shankaracharya, embora prósperas, são consideradas temporais, mesmo tendo tornado possível o aparecimento de inúmeros resultados positivos. As realizações de Shankaracharya lançaram as bases para que Ramanuja, Madhvacharya, Vishnusvami e Nimbarka construíssem uma grande estrutura de devoção pura nos moldes do vaishnavismo, e mais tarde o Senhor Chaitanya Mahaprabhu amalgamou essas quatro filosofias em uma conclusão abrangente e unificada, chamada de *achintya-bhedabheda-tattva*, ou a inconcebível semelhança e diferença simultâneas entre a alma e Deus. Esta filosofia é a base do Gaudiya vaishnavismo que se espalhou pelo mundo através do canto congregacional do Maha-mantra Hare Krishna. Assim, Shankaracharya se tornou um grande aliado do vaishnavismo e um de seus primeiros acharyas, mesmo que indiretamente.

Continuando com este tratado, demos provas de que basicamente não há distinção entre a teoria da não-existência dos budistas e a teoria do Brahman dos mayavadis. Vamos fortalecer estas provas com mais testemunhos nas páginas que se seguem. Vaisnava Vijaya!

A Doutrina da Não-Existência de Sakya Singha Buddha

O *Prajñaparamita Sutra* é uma escritura muito importante para o Gatha budista. O segundo sutra deste livro menciona a não-existência, da seguinte forma:

*akasam iva nirlepam nisrapancam niraksaram
yas tam pasyati bhavena sa pasyati tathagatam*

“Aqueles que te percebem, na contemplação, como indecifrável, *imanifesto* e silencioso como o céu, percebem a não-existência”.

No décimo sexto sutra do *Prajñaparamita Sutra*, é feita uma descrição mais detalhada, como indicado a seguir:

surdurbodhah aei mayd iva drsyase na ca drsyase

“Você é muito difícil de ser compreendido, como uma ilusão que se vê e não se vê”.

Na segunda versão da escritura budista *Astasahasrika Prajnāparamita*, isto é apresentado da seguinte forma:

*sarva dharma api devaputra maya upamah svapna upamah
pratyeka buddho api maya upamah svapna upamah
pratyeka buddhatvam api maya upamah svapna upamah
samyak sambuddhatvam api maya upamah svapna upamah*

“Ó filho dos deuses, todas as religiões são uma ilusão como um sonho e Buddha é também uma ilusão como um sonho e todo Buddha é uma ilusão como um sonho, as doutrinas e até os Bodhi Buddhas são uma ilusão como um sonho”.

Madhavacharya e Shayanacharya, no livro *Sarvadarshan Samgraha*, descreveram assim a filosofia do budismo de Sakya Singha:

*madhyamikas tavad uttama prjna ittham acikathan
bhiksupadaprasarana nyayena ksanabhasnga dyabhidha mukena
sthayitva anukula vedaniyamatra anugatatva sarva satyatva
bhrama vyavartena l sasva sunyatayam eva parya vasanam
atas tattvam sad asad ubhaya anubhaya atmaka catuskoti vinirmuktam sunyam eva*

“Enquanto isso, os inteligentes Madhyamikas contavam, pois, a metáfora do mendigo com as pernas esticadas, como uma forma de apresentar a teoria da momentaneidade de tudo, que culminava no vazio total, através da exclusão da permanência, do favorecimento, da experiência e de eventos sucessivos, como sendo todos ilusórios. Portanto, a realidade é nula, livre de existência e não-existência, ambas ou nenhuma das duas”.

Aqui está um exemplo perfeito da teoria da existência e não-existência postulada por aqueles que professam praticar a abstinência e têm grande sabedoria. Eles acreditam que todo o tipo de existência é ilusória e culmina, em última análise, na não-existência, e que este mundo não passa de uma alcunha habitual e momentânea. Além disso, no vigésimo-nono verso do *Sarva Darshan Samgraha* há outra referência à não-existência:

*kecana bauddhah bahyesu gandha adisu antaresu rupa
skandhesu satsu api l tatra ahastham utpada itam sarvam
sunyam iti prathamikan vineyan acikathan*

“Alguns budistas, promovendo a descrença na existência externa do olfato, visão, audição, paladar, tato e sentimento, mesmo que ainda tivessem uma existência interna, disseram aos seus discípulos neófitos que tudo é vazio”.

No vigésimo primeiro capítulo do livro budista *Lalita Vistara*, há uma descrição de que a filosofia de Sakya Singha Buddha dissolveu a existência material com a ajuda de flechas nihilistas disparadas dos arcos da não-existência. Uma referência é dada a seguir:

*samarthah dhamuh ghrhitva sunya nairatmya
bandinoh klesa ripum nihatyā*

“Uma pessoa hábil segura o arco e mata o inimigo das aflições do aprisionamento do nihilismo e do não-altruísmo”.

Aprendemos com estes livros budistas os meios pelos quais eles formularam seu entendimento. As evidências dadas nestes livros afirmam que um objeto sem existência, como o céu, é sem atributos, e o que quer que pensemos ou façamos para nosso próprio bem ou para o benefício e bem-estar dos outros é também sem atributos e inexistente: uma ilusão onírica conhecida como maya. Segundo o livro budista *Prajñaparamita Sutra*, mesmo que o engano seja apenas momentâneo, sua causa principal é inexistente e se a qualidade e o sabor de uma manga são eliminados, então a manga torna-se inexistente.

Sakya Singha Buddha afirmou que qualquer coisa sem qualidade e virtude é inexistente e Shankaracharya afirma que qualquer coisa sem realidade é Brahman. Portanto, esse malabarismo verbal e essa ginástica mental são a natureza das suas conclusões ilusórias e o Brahman sem atributos de Shankaracharya é sinônimo dessa ilusão, embora camuflado noutra forma. Vaisnava Vijaya!

O Caminho da Salvação de Sakya Singha Buddha

De acordo com Sakya Singha Buddha, o caminho da salvação é alcançado através da compreensão da essência das instruções filosóficas como elucidadas nos seguintes versos do *Shayana Madhava*:

*tat dvividham tad idam sarvam dukkham dukkhaya
tanam dukkha sadhanam ca bhavayitva
tannirodhopayam tatra jnanam sampadayet
ata eva uktam dukkha samudaya nirodha margah
catvarah ariya buddhasya abhimatani tattrani
tatra dukkharh prasiddham samudayo dukkha karanam tad
dvividham prayayo panibandhano hetu panibandhanah ca*

“A experiência neste mundo está cheia de sofrimento, é a razão do sofrimento e é a fonte do sofrimento. Deve-se adquirir o verdadeiro conhecimento que é o meio para eliminar a causa do sofrimento. Assim é dito, na opinião de Sakya Singha Buddha, que existem apenas quatro verdades: o sofrimento, o mundo, sua eliminação e o caminho. De todos eles, o sofrimento é o

mais conhecido, o mundo é a causa raiz do sofrimento e tem duas vertentes: uma ligada aos sentimentos e outra à causa e efeito”.

O décimo sétimo verso do *Prajñaparamita Sutra* está glorificando a si mesmo (o próprio livro):

margas team eko moksasya nd'sti anya iti niscayah

“É certo que este é o único caminho para a salvação e não há outro”.

Diversos livros budistas mahayânicos também se referem ao *Prajñaparamita Sutra* como o único caminho para a salvação. No início do *Satasahasrika Prajñaparamita Sutra*, uma ideia do valor que os budistas dão ao *Prajñaparamita Sutra* é revelada abaixo:

na eva tena vine moksam tasmāt srotavyam adarat

“Não há salvação sem ele, portanto devemos ouvi-lo atentamente”.

Num outro verso, há mais promessas paternalistas até mesmo de poderes conferidos pelo *Prajñaparamita Sutra*, como pode ser evidenciado no verso a seguir:

*ya sarvajnataya nayati upasamam santyaisinah sravakan
ya margajnataya jagaddhita krpa lokarthasarhpadika
sarvakaram idam vadanti munayo visvamjaya samgata
tasmai sravaka bodhisattva ganino buddhasya matre namah*

“Ofereço reverências à mãe de Sakya Singha Buddha, aos aspirantes e também aos Bodhisattvas que possuem o conhecimento do verdadeiro caminho que conduz à onisciência e à paz mental, que possuem a misericórdia para o bem-estar mundial e a conquista do objetivo das pessoas; e a este *Prajñaparamita Sutra*, ao qual os ascetas estão sempre apegados e declaram ser o melhor de todos”.

Logo no primeiro sutra do *Prajñaparamita Sutra*, esta incitação é feita:

*nirvikalpe namas tubhyam prajna paramite amite
ya tvam sarva anavadya angi niravadyair niriksase*

“Ó vasto, indistinto, imaculado, Prajñāparamita Sutra, reverências a vós, que sois contemplados por aqueles que são irrepreensíveis”.

Se analisarmos cuidadosamente o verso acima, fica evidente que o que Shankaracharya afirma sobre a realização do Brahman como sendo um sinônimo da linha de raciocínio do *Prajñāparamita Sutra*.

Já demos provas anteriores sobre a teoria budista de que a libertação da escravidão temporal e a salvação são alcançadas pela cessação do *pratyayopanibandhan*, que é o sofrimento devido ao apego, e do *hetupanibandhan*, que é o sofrimento devido à causa.

Abaixo, o verso da escritura budista *Shayana Madhav* ilustra melhor este ponto:

*tad ubhaya karanantaram vimalah jnanodayah va
muktih tan nirodhopayo margah sa ca tattva jnanam
tac ca pracina bhavana balad bhavati iti paramam rahasyam*

“Depois de subjugar ambos, o conhecimento puro surge como sendo a salvação, o caminho e os meios para subjugá-los. Este conhecimento puro se adquire pela força das percepções anteriores. Portanto, este é o maior segredo”.

Assim, segundo o pensamento budista, os sofrimentos deste mundo têm duas causas e se ambas forem destruídas, a escravidão também será. O único caminho para alcançar a salvação de sua não existência sem forma, sem distinção e sem atributos, é obter este conhecimento. Vaisnava Vijaya!

Semelhanças Entre a Não-Existência e o Brahman

Agora, novas pesquisas nos auxiliarão no esforço de determinar se há alguma diferença entre a não-existência e o Brahman. Iniciaremos nossa análise pelo que foi registrado no sutra 19 do *Prajñāparamita Sutra*:

*saktah kas tvam iha stotum nirnimittam niranjanam
sarva vag visaya titam ya tvam kvacid anisita*

*yd ca subhute sunya aksaya api te sa yd ca
sunnyata aprameyata api sa*

“Quem neste mundo é capaz de vos elogiar: aquele que é sem causa determinante, livre, para além do reino de todas as narrações e por vez independente? Ó Subhuti, aquilo que é nulo é também indestrutível e aquilo que é nulo é também imensurável”.

Adiante, Sakya Singha Buddha define seus parâmetros sobre o nirvana:

*aprameyam iti va asamkhyem iti va aksayam iti va sunyam animittam iti va
apranihitam iti va anabhisarirskarm iti va nirodha iti va nirvanam iti*

“O Nirvana é, portanto, imensurável ou indescritível, indestrutível ou nulo, sem causa ou não meditativo, ou é inalterável ou insubjugável”.

Adiante, no décimo segundo capítulo do *Astasahasrika Prajnaparamita*, em resposta às perguntas dos filhos dos semideuses, Sakya Singha Buddha lhes dá uma explicação acerca da inexistência:

*sunyam iti devaputra atra laksanani sthapayante
anabhisamskara iti anutpada iti anirbodha asamklesa
avyavadhana abhava nirvanam dharma dhartuh
tatha iti devaputra atra laksanani sthapayante
na etani laksanani rupa-niscitani*

“Ó filhos dos deuses, com relação ao vazio, são apresentadas características tais como imutável, não produzido, difícil de compreender, desprovido de aflições, sem obstáculos, inexistente e possuidor das qualidades do Nirvana. Ó filhos dos deuses, apresento-lhes estas características sobre o vazio, mas estas não são definidas por uma forma”.

Assim como podemos ver, os versos acima, se analisados minuciosamente, dão uma compreensão muito assertiva e clara de que a doutrina da não-existência de Sakya Singha Buddha e a doutrina do Brahman de Shankaracharya não diferem de forma significativa e são fundamentalmente a mesma. Vaisnava Vijaya!

Conclusão

Sakya Singha Buddha não defendeu a realidade do mundo externo. Ele ensinou que a não-existência, estando presente em toda parte, é a origem da existência que não se manifesta em toda parte. Também ensinou que tudo que é percebido só pode ter uma existência momentânea. Em suma, ele nega a continuidade ou a ordem universal de qualquer coisa. Para ele, quando uma coisa é percebida, no momento seguinte, tudo o que existia anteriormente é destruído e deixa de existir. Por isso, essa falta de continuidade das coisas e a ausência de qualquer racionalismo de causa e efeito levaram a algumas opiniões contraditórias na mente de seus discípulos.

Sakya Singha Buddha teve quatro principais discípulos que interpretaram seus ensinamentos de maneiras diferentes e criaram quatro doutrinas budistas distintas. Essas quatro doutrinas budistas separadas são Vaibhasika, Sautrantika, Yogacharas e Madhyamika e, em poucas palavras, vamos dar a premissa básica de cada uma delas. A doutrina Vaibhasika defende

a ideia de que todo objeto externo, que pode ser percebido, é real; a Sautrantika defende a perspectiva de que o mundo externo só é inferido a partir de ideias; os Yogacharas sustentam a visão de que somente as ideias são reais e não há concepção externa correspondente a essas ideias; e os Madhyamikas sustentam a opinião de que até mesmo as ideias são irrealis e que nada mais existe além de um estado de ausência que eles chamam de sunyam, ou vazio.

Shankaracharya escolheu a doutrina budista Madhyamika para embasar sua teoria. O que era uma Sunyavada (teoria do vazio), para o budista Madhyamika, foi transformado na teoria Mayavada (teoria de que maya cria a ideia de existência), usando o mesmo fundamento baseado no vazio, só que chamando esse vazio de Brahman, o qual ele enganosamente camuflou como indistinto, sem forma e sem atributos, existindo em um estado vazio.

O advaitavadi Rajendra Nath Ghosh, na página dez do prefácio de seu livro *Advaitasiddhi*, comentou que nos 500 anos que precederam Sakya Singha Buddha até o nascimento de Jesus Cristo, no ano 57 do reinado de Vikramaditya, a filosofia Advaita (monista) estava fluindo totalmente através do budismo e, por cinco séculos depois do reinado de Vikramaditya até o nascimento de Shankaracharya, a filosofia Advaita passou a ficar sob o controle total dos budistas. Rajendra Nath escreveu na página nove de seu prefácio, que os preceitos da filosofia Advaita foram estabelecidos através do budismo. Como um budista não-existencialista, ele está dando uma visão verdadeira de si mesmo e de suas concepções através de seus próprios escritos.

Se é demeritório e ofensivo encontrar falhas em um conceito imaginário apresentado como sendo real, então Shankaracharya não fica isento de culpa. Ele não hesitou em referir-se ao Sakya Singha Buddha como ‘sugata’, uma nomenclatura que já era conhecida como pertencente ao Buddha Avatar de Vishnu. Além disso, ele não hesitou em chamar Sakya Singha Buddha de imbecil. Em seu comentário sobre o *Vedanta-sutra*, Shankaracharya escreve “*sugata buddha asambaddha pralapitvam* - Sakya Singha Buddha estava sangrando em insanidade”. Este Sakya Singha Buddha, que nasceu em 563 a.C., em Kapilavastu, Nepal, como filho do rei Suddhodana e da rainha Mayadevi e que hoje é conhecido em todo o mundo, na mente do homem comum, como Buddha, estava “sangrando em insanidade”.

Abaixo está o extrato dessa citação, do livro *Sariraka Bhasya* 2/2/34:

*bahyartha vijnana sunyavada trayam itaretara viruddham upadisata sugatena
spastikrtam atmanah asambaddha pralapitvam*

“Ao pregar três conceitos (o objeto externo, o conhecimento e a teoria do niilismo) que são contraditórios entre si, Sugata Buddha mostrou claramente que está sangrando em insanidade”.

Por esta sarcástica observação feita por Shankaracharya, ninguém deve supor que ele tivesse inveja de Sakya Singha Buddha. Os esforços de Shankaracharya para anular as teorias de Sakya Singha Buddha não podem ser equiparados ao seu entusiasmo em apoiar o ateísmo budista.

Shankaracharya secretamente tinha em sua mente uma reverência real pelo ateísmo budista e por isso declarou enganosamente que Sakya Singha Buddha era a encarnação do Senhor Vishnu, mesmo sendo um fato historicamente inverídico e absolutamente falso. O próprio Srila Vyasadeva, no *Padma Purana*, afirma que Shankaracharya era um budista disfarçado e que pregaria em formato védico a filosofia ateísta e não-védica de Sakya Singha Buddha neste mundo. Por este motivo, só restou a Shankaracharya a opção de dizer que Vyasadeva estava parcialmente equivocado em seus textos védicos. Declarando isto, Shankaracharya assinou um atestado contra si mesmo, ao defender a tese de que os *Vedas* não são perfeitos e infalíveis. Vaisnava Vijaya!

O PAPEL DA MULHER NA CULTURA VÉDICA

Existem muitas civilizações no mundo onde o respeito pelas mulheres e seu papel na sociedade são proeminentes e outras onde o respeito por elas e seu status devem ser melhorados. O nível de civilidade e padrões morais e espirituais em uma sociedade pode muitas vezes ser percebido pelo respeito e consideração que ela dá a suas mulheres. Não apenas que glorifiquem sua sexualidade e lhes deem toda a liberdade para que possam ser exploradas e aproveitadas, mas que sejam consideradas de uma maneira que lhes permita viver com honra, com respeito e proteção, e que seja dada a oportunidade de alcançarem seu verdadeiro potencial na vida.

A tradição védica sempre demonstrou elevada consideração pelas qualidades das mulheres. Vemos isto claramente através do respeito e honra na adoração à Deusa, que é retratada como a personificação feminina de qualidades e poderes sobrenaturais. Estas formas incluem as de Lakshmi (a deusa da fortuna e rainha do deus Vishnu), Sarasvati (a deusa da aprendizagem), Subhadra (a irmã de Krishna e a auspiciosidade personificada), Durga (a deusa da força e poder), Kali (o poder do tempo). As deusas védicas exemplificam a força interior e os atributos divinos do aspecto feminino e são chamadas de shakti.

Ao longo dos milhares de anos da cultura védica, as mulheres sempre receberam o mais alto nível de respeito e liberdade, mas também proteção e segurança.

"As mulheres devem ser honradas e adoradas por seus pais, irmãos, maridos e cunhados. Onde as mulheres são honradas, os deuses ficam satisfeitos; mas onde elas não são, nenhum ritual sagrado rende recompensas. Quando as mulheres vivem em aflição, a família perece rapidamente; mas, naquela família onde elas são felizes, haverá sempre prosperidade" (Manu Smriti III.55-59).

Bhishma explicou sobre o futuro daqueles que não honram as mulheres:

"Ó soberano da terra (Yuddhisthira), a linhagem na qual filhas e noras entristecem-se com maus-tratos será destruída. Quando essas mulheres amaldiçoam estas famílias, tais lares perdem seu charme, prosperidade e felicidade" (Mahabharata, Anushashanparva, 12.14).

Além disso, quando uma mulher é convidada para viver em outra família, através do casamento, ela vem "para governar junto com o marido, como uma rainha, sobre os outros membros da família" (Atharva-Veda 14.1.43-44). Esse tipo de igualdade raramente é encontrado em qualquer outra escritura religiosa. Devido a esta tradição, a história da Índia conta com muitas mulheres que alcançaram uma posição de destaque em espiritualidade, política, artes, educação, ciência ou mesmo como guerreiras no campo de batalha.

Há também mulheres rishis e yoguinis que revelaram o conhecimento védico ao mundo. Por exemplo, o 126º hino do primeiro livro do Rig-Veda foi revelado por uma mulher cujo nome era Romasha; e o hino 179º do mesmo livro foi revelado por Lopamudra. Há dezenas de nomes de mulheres reveladoras da sabedoria védica, como Visvavara, Shashvati, Gargi, Maitreyi, Apala, Ghosha e Aditi, que instruíram a todos no conhecimento superior de Brahman. Na tradição Vaishnava, podemos citar grandes mestras como Jahnava Thakurani, Gangamata Goswamini, Sita Thakurani, dentre uma centena de outras mulheres que lideraram multidões. Temos também

o caso de Draupadi, cujos cinco esposos eram os irmãos Pandavas, que ficaram famosos por terem lutado ao lado de Krishna. De acordo com o padrão védico, é a mulher que escolhe o próprio esposo. Mas, se esta norma não está sendo seguida hoje em dia, é devido à forte influência do Islamismo e da cultura ocidental na Índia.

A maneira como tratamos nossas mulheres hoje em dia é um indicador de nossa barbárie. Enquanto os homens podem ter mais força física do que as mulheres, elas claramente têm mais energia interna e emocional. Não é sem razão que as mulheres são identificadas como shakti (potência) na civilização védica. Se as mulheres forem oprimidas, esta shakti será negada à família e à sociedade, enfraquecendo toda uma civilização. Uma das especialidades da mulher é que ela é mãe. Ela carrega e nutre consigo o futuro da humanidade, e por isto merece um cuidado especial.

Na cultura védica, ensina-se que todo homem deve ver e respeitar todas as mulheres como sua mãe e toda menina como a sua própria filha ou irmã.

Quando o respeito às mulheres diminui, a sociedade perde o equilíbrio e a harmonia. No domínio espiritual, homens e mulheres têm uma posição igual enquanto almas. No entanto, quando consideramos a realidade mundana, as diferenças devem ser respeitadas e colocadas à luz da razão. Um não é superior ao outro, mas cada qual possui talentos particulares que contribuem para uma sociedade equilibrada e para o serviço de Deus. Sendo assim, é uma ilusão achar que mulheres devem ser tratadas como homens e vice-versa. É claro que existem exceções em que alguns homens são naturalmente bons em papéis femininos e algumas mulheres são talentosas em ocupações masculinas. Contudo, o ponto é que as mulheres e os homens devem trabalhar cooperativamente como as asas gêmeas de um pássaro que poderá voar cada vez mais alto. Como pode haver um espírito de cooperação e apreciação entre homens e mulheres quando nas sociedades materialistas há um clima de competição e de desrespeito mútuo? Este conflito institucionalizado das sociedades materialistas tem aumentado tanto na vida familiar quanto na vida corporativa, o que contribui para o desequilíbrio social e não para uma sociedade tranquila e pacífica. Se cada um souber o seu valor e reconhecer a necessidade do outro, não faltarão motivos para ambos serem felizes.

A natureza materna das mulheres sempre foi valorizada na Índia védica. Afinal, o fundamento da vida familiar e a primeira fase de criação dos filhos depende delas. Não necessariamente toda mulher tenha que ser mãe, mas a história mostra que a maioria delas optou por este destino. São elas que geralmente fornecem amor, compreensão e nutrição para o desenvolvimento de seus filhos de uma maneira especial, que é muito difícil de ser imitada pela maioria dos homens.

No Mahabharata (Shantiparva, 30,9), Bhishma Pitamaha disse: "O professor que ensina o verdadeiro conhecimento é mais importante do que dez instrutores. O pai é mais importante do que dez professores e a mãe é mais importante do que dez desses pais. Não existe guru maior do que a mãe".

Nossa própria vida é um presente da vida de nossa mãe. Fomos nutridos por ela, passamos nove meses em seu ventre e seu amor nos sustentou. A tradição védica considera que temos sete diferentes tipos de mães: a mãe biológica, a esposa do guru, a rainha, uma brāhmaṇi, a vaca, a enfermeira e a mãe Terra. Ao exibir as qualidades da maternidade, as mulheres devem ser

calorosas e ternas, fortes e protetoras, mas também estabelecer as bases da disciplina e do bom senso de acordo com as escrituras védicas. Além disso, geralmente, é a mulher que promove a beleza e uma atmosfera inspiradora através da decoração da casa e do gerenciamento da mesma. É ela quem prepara os pratos nutritivos e saborosos que dão prazer e força para toda a família. Aquelas mulheres que têm essa disposição intrínseca para o cuidado da casa também serão defensoras naturais dos padrões morais e princípios espirituais extremamente necessários para o bem-estar de toda civilização védica. Por suas próprias tendências e expressões emocionais, elas também são devotas naturais de Deus e cumprem com a adoração das deidades no altar da casa. É muito afortunada aquela mulher que reconhece o inestimável valor de cuidar da casa e da família, sem achar que isso seja um papel inferior.

De acordo com o sânscrito (a língua mais antiga do mundo), a palavra 'esposa' tem três significados: Pathni (aquela que se une ao esposo), Dharmapathni (aquela que guia o esposo através do dharma) e Sahadharmacharini (aquela que acompanha o marido no caminho do dharma).

Quando o casal está disposto a ser flexível para com as necessidades um do outro e seguir em frente em amor e compreensão mútua, o relacionamento pode ir além do plano físico e emocional, e chegar à união espiritual. Isso significa que a união entre um homem e uma mulher deve ter como finalidade última a cooperação mútua para a realização espiritual de ambos.

Um exemplo clássico dessa relação são os pais de Krishna, Yashoda e Nanda. Eles mantinham um casamento estritamente religioso, sem nenhum interesse em ter filhos. No entanto, seus parentes faziam uma grande chantagem emocional, pressionando-os a terem um filho. Temendo que a relação familiar pudesse ser prejudicada, eles oraram para Deus, dizendo que a única maneira que eles aceitariam ter um filho, seria se o próprio Deus se tornasse o filho deles. Realizando o pedido do casal, Krishna nasceu do ventre de Yashoda.

"Você deve saber que todos nós somos almas espirituais. Todas as almas são muito bonitas. Quanto à forma transcendental da alma, não há dúvida sobre quem é menos inteligente ou mais inteligente. Se as mulheres são de tão baixa classe e de tão baixa inteligência, como poderiam as gopis (consortes de Krsna em Vrindavana) terem superado até mesmo Krishna? Srimati Radhika sempre supera Krsna em beleza, em inteligência e em todos os demais aspectos. Por que nosso guru-parampara, começando por Brahmá e Nárada, adoram as gopis? Por que Sri Caitanya Mahaprabhu - que é o próprio Krsna - adotou o humor de Srimati Radhika? Se as mulheres são inferiores, por que nós Vaisnavas da Gaudiya queremos ser gopis? Quem em nosso parampara da Gaudiya não quer ser gopi? Queremos servir o Senhor Krsna e Srimati Radhika na forma feminina, não na masculina. Então como é possível que essa forma feminina seja inferior? Não pense assim".

Srila Bhakti Vedanta Narayana Goswami Maharaj

Haia, Holanda. 12 de julho de 2005

VEGETARIANISMO

A Tradição Védica

A tradição védica é lacto-vegetariana, pois tem como princípios fundamentais a adoração às vacas e a não-violência contra qualquer ser vivo. Mas, também há outros dois motivos que podem levar uma pessoa a adotar o vegetarianismo: cuidar da própria saúde e cuidar da saúde do planeta. A compaixão pelos demais seres vivos deve ser prioridade, pois, mesmo que o consumo da carne fosse muito bom para a saúde humana e para o equilíbrio do planeta, não o seria para a vida dos animais abatidos. Isto significa que nossa principal preocupação deve ser o bem-estar do próximo e não o nosso próprio.

Todos os dados estatísticos sobre o impacto negativo da produção e consumo de carne já estão publicados em inúmeros sites e sua busca é de muito fácil acesso. Portanto, não se faz necessário aqui apresentá-los, para não tornar este artigo longo demais. Aqui, nos limitaremos a apresentar um ponto de vista pouco explorado, tanto pelo público leigo, quanto por lacto-vegetarianos e veganos, que é o aspecto espiritual.

Em sânscrito, o sinônimo de vegetariano é *niramis*, que significa 'sem carne', ou seja, a tradição védica não considera o lacto-vegetarianismo como o modelo ideal de sociedade. Outro exemplo importante é o significado em sânscrito para a palavra carne, que é *mamsa*, cujo significado é 'aquele que eu como hoje, amanhã poderá me comer'. Com isto, fica claro que a cadeia de ação e reação existente no consumo da carne de qualquer animal já prevê que este terá o direito de se vingar de seu agressor na próxima vida.

Toda a estrutura da sociedade védica está baseada na relação de serviço entre as espécies, sendo o ser humano o principal articulador dessa rede, posto que é o único capaz de servir a Deus conscientemente. Isto quer dizer que é dever do ser humano auxiliar as demais espécies para que estas possam também ter a oportunidade de servir a Deus, e, com isso, permitir que suas almas possam ser beneficiadas, recebendo a oportunidade de nascerem como seres humanos um dia. Os Vedas explicam que Deus deve sempre estar no centro da sociedade como o objeto final da adoração de todas as entidades vivas. Isto significa que tudo deve ser oferecido a Ele na forma do serviço devocional amoroso, o qual só é possível de ser executado quando se tem um corpo humano.

O Verdadeiro Papel da Alimentação

Sendo assim, não basta achar que ser lacto-vegetariano é tudo. É preciso conhecer o verdadeiro papel da alimentação em relação direta com o propósito da vida. Qual a finalidade de mantermos um corpo saudável e, conseqüentemente, qual a melhor maneira de utilizarmos nossa energia e saúde? No *Srimad Bhagavatam* está dito: “*kamasya nendriya-pritir labho jiveta yavata jivasya tattva jijnasa nartho yas ceha karmabhih* – Os desejos da vida humana nunca devem ser direcionados para a gratificação dos sentidos. Deve-se desejar somente uma vida saudável, ou a autopreservação. Uma vez que o nascimento humano se destina exclusivamente a indagar sobre a Verdade Absoluta, nada mais deveria ser o objetivo de nossos esforços”. Obter um

nascimento humano é muito raro e, portanto, devemos utilizar nossos sentidos e mente no serviço amoroso a Deus. Tudo o que foi criado, incluindo nossos sentidos, corpo e mente, pertencem a Deus e devem ser utilizados em Seu serviço, para Sua satisfação exclusiva.

Mesmo que tenhamos acesso a um alimento puro, orgânico e livre de exploração, ainda assim existem impurezas mais sutis, como carma e pecados, que só poderão ser removidos quando o alimento for consagrado como uma oferenda a Deus. Quando cultivamos a terra, estamos inadvertidamente matando vários seres e, dessa maneira, incorremos em pecado. Além disto, o meio de produção deste alimento pode também ter envolvido exploração humana ou animal. Portanto, mesmo que Deus tenha recomendado que nos alimentemos de frutas, vegetais e leite, se não oferecermos estes alimentos a Ele, ainda assim estes trarão dentro de si uma cadeia de reação cármica que, definitivamente, causarão efeitos negativos em nós.

No Gita, 3.13-15, Krishna afirma: “Os devotos do Senhor são liberados de todos os tipos de pecados porque se alimentam somente daquilo que foi oferecido a Ele. Os outros, que preparam o alimento para o gozo do sentido pessoal, comem somente o pecado. Nos Vedas estão prescritas as atividades reguladas e os Vedas são diretamente manifestados pela Suprema Personalidade de Deus. Conseqüentemente, a transcendência que tudo permeia está eternamente situada no ato da oferenda do alimento”. Por este motivo, o alimento oferecido a Deus é chamado de *anna-brahma*, alimento transcendental, ou *prasada*, que significa a misericórdia de Deus na forma de alimento.

Ofereça A Deus

O alimento que foi oferecido a Deus se torna completamente livre de qualquer contaminação material e, devido a seu poder espiritual, é capaz de nos libertar do ciclo de nascimentos e mortes. Portanto, qualquer alimento que venhamos a preparar deverá ser oferecido a Deus antes de consumirmos. Não basta agradecermos pelo alimento. Devemos oferecê-lo a Deus, reconhecendo que Ele está no topo da cadeia alimentar e deve ser o primeiro a comer. Tudo deve retornar à sua origem para fechar-se um ciclo. Nós não criamos nada. Tudo vem de Deus e a Ele deve retornar. Desse modo, honrando este alimento oferecido a Deus, estaremos consumindo algo totalmente purificado, que nos ajudará a controlarmos os nossos sentidos e nossa mente.

No *Bhagavad-gita*, 9.27, Krishna diz para oferecermos ao Senhor tudo o que comemos, os nossos sacrifícios, os frutos do nosso trabalho e finalmente nossa própria vida e alma. Só assim, poderemos desenvolver amor imaculado por Ele e alcançar Sua morada eterna.

No *Bhagavad-gita*, 17.8-9-10, Krishna explica: “Os alimentos no modo da bondade (*satvicos*) aumentam a duração de vida, purificam a existência e dão força, saúde, felicidade e satisfação. Estes alimentos saborosos e nutritivos incluem grãos, laticínios, frutas e legumes”.

Não basta apenas cuidarmos da saúde, preservarmos o meio-ambiente e protegemos os animais; tudo isto é apenas um complemento à vida humana, cujo verdadeiro significado é fazermos o que nenhum outro ser pode fazer: religião. Ou seja, amar, servir e adorar a Deus.

Deus criou o homem à Sua imagem e semelhança com a finalidade de permitir que a alma possa expressar sua natureza eterna, através do serviço devocional, ou *Bhakti-yoga*. E a expressão maior deste amor consubstancia-se no serviço a Deus. Esta é uma prerrogativa exclusiva do ser

humano e de nenhuma outra espécie. Portanto, ser humano significa oferecer a Deus tudo aquilo que possuímos e aceitar Sua misericórdia na forma de Seus remanentes. Isto é o que chamamos de *prasada* ou alimento divino.

GUIA PRÁTICO E TEÓRICO DO JEJUM EKADASHI

A ORIGEM

O jejum de *Ekadashi* é praticado há centenas de milhares de anos na Índia e, há quase um século, vem sendo praticado em outros países por seguidores da cultura védica. Mas, há mais ou menos cinco anos, o *Ekadashi* vem sendo popularizado entre os leigos e já conta com milhares de admiradores e seguidores no Brasil e no Mundo. A palavra *Ekadashi* refere-se ao ‘décimo primeiro dia’ após a lua cheia e a lua nova de cada mês lunar.

A TRADIÇÃO

O conhecimento da tradição védica da Índia antiga é capaz de combinar espiritualidade e ciência de forma harmoniosa e sincrônica, provando ser a melhor opção para aqueles que desejam avançar no caminho da autorrealização e da comunhão com o Divino, aliado a uma ótima saúde física e mental. Vale ressaltar que a antiga Índia foi o berço da matemática, biologia, química, física, medicina, artes etc.

DE CORPO E ALMA

De acordo com várias tradições esotéricas do mundo, jejuar sempre esteve associado não apenas à desintoxicação, mas também ao despertar espiritual em contato com o Divino. A palavra em sânscrito para jejum é *upavasa*, que significa “residir mais próximo”. Em outras palavras, o jejum nos permite maior aproximação com o Divino. Na Índia, o *Ekadashi* é respeitado como um dia sagrado e também conhecido como *Hari-vasara*, ou o dia em que o Ser Supremo se manifesta e concede infinitas bênçãos àqueles que buscam a união com Ele. É sabido que até mesmo aqueles que jejuam acidentalmente no *Ekadashi* também recebem incalculáveis benefícios físicos e espirituais.

A LUA E OS GRÃOS

Como todos sabem, a Lua exerce influência direta sobre as águas do planeta levantando marés e agitando o corpo humano, que é composto por 75% de água. É a partir do *Ekadashi* que a Lua passa a exercer maior influência sobre nosso organismo e é quando ficamos mais vulneráveis à ação de doenças e de óbito. É justamente a partir do *Ekadashi* que podemos nos sentir mais fracos, cansados e, por este motivo, devemos jejuar especificamente de grãos e outros alimentos nocivos para não sobrecarregarmos nosso organismo. Os grãos funcionam como uma esponja e retêm muita água, e quanto menos água estiver retida no corpo nesse período, menor será o efeito negativo da Lua sobre ele. Assim, não podemos comer grãos, como cereais, feijões e lentilhas no *Ekadashi*. Mas, no entanto, beber água no *Ekadashi* não é prejudicial.

O QUE NÃO COMER

Todos os grãos (ervilhas, lentilhas, cereais, feijões, soja etc.), todas as carnes, ovos, alho, cebola, cogumelos, café, açúcar branco refinado, comidas industrializadas que contenham amido de grãos, lecitina de soja, gelatina, fibras de grãos, xaropes de grãos e tudo que possa conter traços de grãos na receita e na composição. Leia os rótulos com muito cuidado antes de consumir qualquer alimento durante o *Ekadashi*.

A DURAÇÃO

O jejum de *Ekadashi* acontece a cada 14 dias, começa sempre à meia-noite do dia anterior e dura aproximadamente 36 horas. As datas para o início do jejum e os horários específicos para a quebra serão sempre disponibilizadas em nossas redes sociais, pois variam de cidade para cidade. De acordo com o calendário lunar, o *Ekadashi* é uma *tithi*, um período através do qual se conta o movimento da Lua, cujo ciclo tem duas partes de 14 dias cada, ou seja, 14 *tithis*. Uma movendo-se para a Lua cheia e a outra para a nova. Assim, teremos dois *Ekadashis* em cada mês lunar. Mas não adianta seguir o *Ekadashi*, contando os dias com 24hs solares de cada mês, porque não é a mesma coisa. O ciclo da Lua é independente do ciclo do Sol. Muita gente erra o dia do jejum, quando calcula os dias da Lua pelo padrão solar. O cálculo para determinar quando começa ou termina o *Ekadashi-tithi* está baseado na astrologia védica e é muito complicado. Portanto, se faz desnecessário tentarmos explicar aqui.

A QUEBRA DO JEJUM

É muito importante quebrar o jejum no horário permitido, pois isso demonstra que você só jejuou durante o período do *Ekadashi* e não em outro. Para isso, existe um tempo de transição entre o *Ekadashi* e o *Dvadashi* (que é a próxima *tithi*), no qual você deve quebrar o jejum. Caso você quebre antes ou depois do horário permitido, seu jejum não será completado com o sucesso esperado e será considerado inválido tecnicamente. Parece algo insignificante, mas certamente não é, assim como tudo que a ciência védica milenar nos recomenda fazer. O cálculo feito para determinar este período é muito complexo e não vale a pena tentar explicá-lo aqui.

A CIÊNCIA MODERNA

O Prof. Valter Longo, que é diretor do Instituto de Longevidade da Universidade do Sul da Califórnia – Escola de Gerontologia Leonard Davis, em Los Angeles, um dos principais centros de pesquisa sobre envelhecimento e doenças relacionadas à idade, e também diretor do Programa de Longevidade e Câncer do Instituto IFOM de Oncologia Molecular em Milão, Itália, vem conduzindo uma série de estudos sobre o jejum de calorias. Ele reduziu em 40% o consumo de calorias para um grupo de estudantes por um período de quinze dias e observou que houve uma melhora significativa do sistema imunológico deles. No entanto, ao final do experimento, os estudantes estavam se sentindo fracos devido à mudança drástica no hábito alimentar e acabaram retornando para a mesma dieta calórica de antes.

Considerando estes dados, ele continuou pesquisando até chegar à conclusão de que não era preciso jejuar calorias todos os dias, mas bastava fazer um jejum completo, de água e comida,

por trinta e seis horas, a cada quinze dias, para que todo o sistema imunológico fosse regenerado. Este tipo de jejum funciona como um “interruptor regenerativo” que estimula as células-tronco a aumentarem a produção de leucócitos. Quando sentimos fome por um período prolongado, o organismo tenta economizar energia e recicla as células imunes que não são mais necessárias, especialmente aquelas que podem ser cancerígenas. Este fenômeno conhecido como autofagia também foi pesquisado a fundo pelo prêmio Nobel de medicina Yoshinori Ohsumi, que demonstra como o sistema imunológico é completamente regenerado através do jejum.

O jejum vem sendo estudado pela ciência moderna como um dos meios mais eficazes para se curar quase todas as doenças, promover o rejuvenescimento, o aumento da autoestima, a eliminação da depressão etc. Há estudos que demonstram que é possível jejuar até 60 dias só bebendo água!

OS BENEFÍCIOS

O estudo supracitado do Prof. Valter Longo demonstra como a antiga tradição védica tem sólidos fundamentos científicos e uma profunda compreensão do motor da natureza e da fisiologia humana. Porém, ao jejuar a cada 15 dias por 36 horas no período do *Ekadashi*, teremos um resultado ainda melhor do que se jejuássemos em qualquer outra data: “Jejuar no *Ekadashi* traz limpeza dos órgãos dos sentidos e do funcionamento motor, adequada excreção de toxinas, fome e sede governáveis, purificação do pericárdio, relaxamento da tensão corporal, aumento da alegria, e diminuição da ansiedade e da apatia” (Ayurveda Sutrasthanam 14.17). Por cuidar tanto do corpo quanto da alma, o jejum de *Ekadashi* provou ser a maneira mais eficaz e rápida de promover saúde, bem-estar, equilíbrio psicofísico e espiritual.

SEM CONTRAINDICAÇÃO

O jejum de *Ekadashi* não pertence a nenhuma religião ou seita, mas é um presente do Criador para toda a humanidade. Qualquer pessoa pode fazer este jejum, independentemente de suas crenças. Não há tampouco qualquer contraindicação ou efeito colateral físico, emocional, mental ou espiritual, desde que seguidas as orientações deste guia.

RECOMENDAÇÕES

Para se alcançar um resultado mais profundo no *Ekadashi*, recomenda-se a abstinência de sexo, todas as carnes, alho, cebola, cogumelos, café, açúcar refinado, comidas industrializadas, narcóticos, jogos de azar, televisão, rádio, conversas mundanas etc. Em contrapartida, procuramos intensificar nossas orações, mantras, austeridades, devoção, meditação, introspecção, reflexão, contemplação etc. Assim, facilitamos o recebimento de curas, bênçãos, respostas, e especialmente de muito amor. Além disso, antes de cada jejum, podemos colocar uma intenção ou um propósito e, ao final, podemos pedir bênçãos para nós e para outras pessoas também.

O DESAFIO

Jejuar nem sempre é fácil e prazeroso para quem é iniciante e pode se tornar uma experiência desagradável por uma série de razões. Dores de cabeça e nas juntas, irritação, impaciência, preguiça, ansiedade, sonolência, dormência nas pernas, apatia, tontura, queda de pressão, fraqueza, mau-humor são os principais sintomas de desintoxicação no começo do jejum. É aí que muita gente desiste. Mas, não desistam! Quando jejuamos, rompemos com uma rotina alimentar que foi imposta ao corpo e à mente por muitos anos, e isso faz com que o organismo reaja de maneira negativa. No entanto, essa reação negativa é temporária, e, logo que o organismo percebe que está sendo poupado e lhe está sendo dada a oportunidade de se revigorar e desintoxicar, ele passa a aceitar o jejum com mais facilidade.

Passados estes sintomas, o organismo se estabiliza, a dor e a fome passam e, a partir desse momento, você pode aproveitar principalmente o lado espiritual, sendo capaz de contemplar a paz e a iluminação interior. É nesse estágio que os pensamentos se desprendem, que a luxúria esfria e que o corpo relaxa, pois enquanto os *chakras* inferiores não são estimulados pela digestão, os superiores podem trabalhar mais, estimulando a percepção espiritual. Portanto, mantenha sempre a força de vontade e a determinação para passar pelos momentos difíceis da fase inicial, sabendo que depois virão momentos de glória. É como cruzar seu deserto interior para chegar a um oásis espiritual.

OPÇÕES DE JEJUM

O jejum completo, mesmo que seja o ideal, não é obrigatório e nem um fator determinante para se obter os inúmeros benefícios do *Ekadashi*. Para saber qual tipo de jejum melhor se adapta a você, confira as opções abaixo.

Completo: No dia anterior, coma apenas frutas no desjejum. No almoço, faça uma refeição completa, porém leve. Pelo resto do dia, só é permitido beber água. No *Ekadashi*, faça jejum completo de água e comida. Na manhã seguinte, durante o horário permitido, é recomendado quebrar o jejum com água de coco ou limonada com uma pitada de sal e açúcar, mas pode ser apenas água ou chá também. Continue jejuando de comida até o almoço, quando poderá fazer uma refeição leve com grãos (opcional), como vitaminas, saladas, massas, sopas, arroz com sal e *ghi* etc. No jantar, faça também uma refeição leve.

Semi-completo: No dia anterior, coma normalmente no desjejum e no almoço. No jantar, faça uma refeição que não contenha grãos. No *Ekadashi*, faça jejum completo de água e comida. Na manhã seguinte, o mais recomendado é quebrar o jejum, no horário permitido, com água de coco ou limonada com uma pitada de sal e açúcar, mas pode ser água ou chá também. Continue jejuando de comida até o almoço, quando poderá fazer uma refeição leve com grãos (opcional), como vitaminas, saladas, massas, sopas, arroz com sal e *ghi* etc. No jantar, faça também uma refeição leve.

Alternativo 1: No dia anterior, coma normalmente no desjejum e no almoço. No jantar, faça uma refeição leve e sem grãos. No *Ekadashi*, faça jejum de água e comida até o meio-dia. No almoço, faça uma refeição leve com qualquer um dos alimentos permitidos. Em seguida, beba

apenas água até o fim do dia. Na manhã seguinte, durante o horário permitido, quebre o jejum com grãos e retome sua dieta habitual a partir do almoço.

Alternativo 2: No dia anterior, faça três refeições normalmente. No *Ekadashi*, faça jejum de água e comida até o meio-dia. No almoço e no jantar, faça uma refeição leve com qualquer um dos alimentos permitidos. Na manhã seguinte, durante o horário permitido, quebre o jejum com grãos e retome sua dieta habitual a partir do almoço.

Alternativo 3: No dia anterior, faça três refeições normalmente. No *Ekadashi*, faça as três refeições com os alimentos permitidos. Na manhã seguinte, durante o horário permitido, quebre o jejum com grãos e retome sua dieta habitual a partir do almoço.

Obs. 1: Baseado no que foi apresentado como alternativo, você poderá adaptar de acordo com suas necessidades e preferências, sem precisar nos comunicar.

Obs. 2: Gostaríamos de esclarecer sobre a verdadeira regra do jejum de *Ekadashi*, sobre o que pode ou não comer. Em outros grupos de *Ekadashi*, vemos que há uma cobrança exagerada e desnecessária de não poder comer também folhas verdes, temperos, tomate, berinjela etc. No entanto, isso não procede. A regra universal para o jejum de *Ekadashi* é não ingerir todos os tipos de grãos, como cereais, feijões e lentilhas. O que pode acontecer é que, em diferentes missões na Índia, cada mestre pode exigir que se siga um cardápio diferente por razões pessoais. Sendo assim, queremos que você se sinta mais à vontade para fazer seu jejum e também possa recomendar para outras pessoas, sem que precise fazer austeridades além do necessário. Contudo, recomendamos você evitar também o consumo de ovos, carnes, alho, cebola e cogumelos, pois são alimentos que intoxicam o organismo, aumentam a luxúria, a ira e, de acordo com a medicina tradicional indiana (*Ayurveda*), nunca deveriam ser consumidos. Então, se, pelo menos no dia de *Ekadashi*, você conseguir evitar, será muito benéfico.

DICA RÁPIDA SOBRE COMO QUEBRAR O JEJUM

Se você não comeu nem bebeu durante o jejum, pode quebrá-lo só com água, ou frutas, ou vegetais, ou grãos. Se você bebeu só água, pode quebrá-lo só com fruta, ou vegetais, ou grãos. Se você comeu só frutas, pode quebrá-lo só com vegetais ou grãos. Se você comeu vegetais, pode quebrá-lo só com grãos.

Outra dica importante na hora de quebrar o jejum completo ou semi-completo é controlar a quantidade de comida a ser ingerida. Mesmo sentindo muita fome, é melhor comer menos e esperar até um pouco mais tarde para comer novamente, pois se houver algum exagero, seu corpo não será capaz de digerir, causando assim uma indigestão, seguida por outros inconvenientes.

O HARE KRISHNA MAHA-MANTRA

Foi declarado nas escrituras védicas que, na atual era de Kali, o dharma prescrito que concede a perfeição espiritual chama-se Harinama-sankirtana, ou seja, o canto congregacional dos santos nomes do Senhor.

*krte yad dhyayato visnum
tretayam yajato makhaih
dvapare paricaryayam
kalau tad dhari-kīrtanat
(Srimad Bhagavatam 12.3.52)*

“Qualquer que fosse o resultado obtido em Satya-yuga meditando em Vishnu, em Treta-yuga realizando rituais de fogo, e em Dvapara-yuga adorando as deidades do Senhor, pode ser obtido em Kali-yuga simplesmente cantando o Hare Krishna maha-mantra”.

Para cada uma das eras existe uma encarnação divina que descende para estabelecer o yuga-dharma. Então, há cerca de quinhentos anos, Sri Chaitanya Mahaprabhu, o avatar dourado, descendeu para estabelecer o dharma desta era e, superando todos os conflitos relacionados à religião, escrituras, atos pecaminosos, boa política, má política, conhecimento, yoga, etnias, capitalismo, socialismo, castas etc., conquistou o coração de todos.

Dentre inúmeros mantras que contém os nomes do Senhor, o Hare Krishna maha-mantra é apontado como sendo o mais potente. Maha significa "grande" ou "superior". O sagrado Hare Krishna maha-mantra confere uma experiência de transcendência. Quando cantado perfeitamente, permite a comunhão direta com o Senhor Supremo, isto é, a realização do humor eterno e afetuoso de servir a Ele.

No Brahma-yamala, Shiva descreve o significado do Hare Krishna maha-mantra à sua esposa, Parvati-devi: "Ó Maha-devi, apenas veja! Em Kali-yuga, não há maneira mais fácil de erradicar os pecados do que cantar os santos nomes. Portanto, a fim de proporcionar o maior benefício à população em geral, é essencial propagar o Hare Krishna maha-mantra entre eles. As pessoas em Kali-yuga podem ser facilmente liberadas do maior dos pecados, realizando o canto congregacional deste Maha-mantra. Para cantar o maha-mantra, primeiro cante Hare Krishna duas vezes, depois cante Krishna duas vezes e depois Hare duas vezes. Em seguida, cante Hare Rama duas vezes, depois Rama duas vezes e novamente, Hare duas vezes. Deve-se cantar e realizar sankirtana do maha-mantra que destrói todos os pecados".

No Radha-hridaya-khanda do Brahmanda Purana, Romaharshana Suta ora a Vyasadeva (o compilador dos Vedas) da seguinte maneira: "Ó Vibhu (Grande)! Ó Prabhu (Mestre)! Por favor, instrua-me sobre a forma intrínseca do mantra transcendental, que consiste nos nomes totalmente espirituais de Sri Hari, o doador de todas as perfeições".

Em resposta, Vyasadeva dá a seguinte instrução: "Ó meu filho, certamente vou instruí-lo sobre o maha-mantra. Ao aceitá-lo, uma pessoa que se encontra na concepção corpórea de vida, pode ser espiritualizada; mesmo um bêbado pode rapidamente tornar-se purificado e alcançar toda a perfeição. Certamente, vou instruí-lo porque você é um devoto de alta classe e um candidato perfeito. As dezesseis palavras do maha-mantra Hare Krishna Hare Krishna Krishna Krishna Hare Hare, Hare Rama Hare Rama Rama Rama Hare, podem destruir todos os pecados cometidos nos três mundos. Para alcançar a liberação do cativo da vida material, os quatro Vedas não mencionam um método superior ao canto deste maha-mantra".

No Ananta-samhita está declarado: "Este Hare Krishna maha-mantra consiste em dezesseis nomes e trinta e duas sílabas. Em Kali-yuga, este mantra pode liberar todas as entidades vivas."

No Yajur Veda e no Kali-santarana Upanishad, também estão descritas as glórias do maha-mantra desta forma: "No final da Dvapara-yuga, o grande sábio Nárada muni foi até Brahmá, o semideus arquiteto desse universo, ofereceu-lhe suas reverências e perguntou: Ó senhor, enquanto vago por este planeta Terra, como posso vencer a influência negativa desta era de Kali?

Brahmá respondeu: Ó filho, você fez uma excelente pergunta. Por favor, ouça o mais confidencial segredo contido em todos os Vedas, a partir do qual você poderá facilmente transcender a influência negativa de Kali. Apenas por mencionar uma única vez o nome da Pessoa Original (adi-purusha), a personalidade maligna de Kali-yuga começa a tremer.

Nárada muni, então, perguntou: Qual é este nome de Sri Bhagavan? Qual é a sua forma intrínseca (svarupa)?

Em resposta, Brahmá disse: Hare Krishna Hare Krishna Krishna Krishna Hare Hare, Hare Rama Hare Rama Rama Rama Hare Hare. Este maha-mantra, composto por dezesseis nomes, pode destruir completamente todas as impurezas da era de Kali. Não há em todos os Vedas uma prática espiritual superior. O maha-mantra destrói as dezesseis coberturas da alma, o que significa que pode destruir os cinco elementos grosseiros (panca-bhuta) e os onze sentidos que cobrem a entidade viva. Então, assim como o sol cujos raios brilham intensamente quando a cobertura de nuvens é removida, o Senhor se revela à entidade viva.

Sri Nárada então perguntou: *Ó Senhor, quais são as regras e regulamentos para cantar este maha-mantra?*

Brahmá disse: Não existem regras e regulamentos por cantar este maha-mantra. Além disso, ao pronunciar corretamente este maha-mantra, pode-se alcançar os cinco tipos de liberação (mukti). Não só isso, o principal resultado de cantar o maha-mantra é a realização de Krishna-prema (amor transcendental por Krishna).

Comece hoje mesmo a cantar o Hare Krishna Maha-mantra e receba todas as bênçãos espirituais e a purificação de todos os seus pecados e ofensas. Esta é a melhor maneira de satisfazer o casal divino Sri Radha-Krishna e Sua misericordiosa encarnação como Sri Chaitanya Mahaprabhu.